

**ATAS**  
**DA**  
**PRIMEIRA JORNADA PSICANALÍTICA**  
**DA BIBLIOTECA SIGMUND FREUD**  
**Comemorativa dos 15 anos de *Freudtag***  
**6 de maio de 2017**  
**REALIZADA**  
**NO**  
**HOTEL CORAL TOWER**  
**EM**  
**PORTO ALEGRE**

Editor

Luiz-Olyntho Telles da Silva

## SUMÁRIO

<b>Discurso de abertura</b>	
/Luiz-Olyntho Telles da Silva.....	4
<b>Mídias digitais e a psicanálise</b>	
/Maria da Glória S. Telles da Silva.....	9
<b>a cultural</b>	
/Ricardo Landeira.....	17
<b>De Lamarck a Freud y viceversa</b>	
/Eduardo López de León.....	24
<b>Joyce é louco?</b>	
/Donaldo Schüler.....	31
<b>Freud e a literatura</b>	
/ Lucélia Santos Stähelin.....	36
<b>A cultura, do mal-estar à esperança</b>	
/Juan Carlos Mosca.....	43
<b>Gardênia</b>	
/Beatriz Duró.....	49
<b>A perversão no Othelo de Shakespeare</b>	
/Luiz-Olyntho Telles da Silva.....	54
<b>Inscrições da letra na pele</b>	
/Maristela Leivas.....	61
<b>Encerramento</b>	
/Maria da Glória S. Telles da Silva e Maristela Leivas.....	67

# DISCURSO DE ABERTURA À PRIMEIRA JORNADA PSICANALÍTICA DA BIBLIOTECA SIGMUND FREUD

Comemorativa dos 15 anos de *Freudtag*

6 de maio de 2017

Luiz-Olyntho Telles da Silva

Senhoras e senhores

Prezados colegas e amigos

Bem vindos à 1ª Jornada da Biblioteca Sigmund Freud. Depois de tantos revezes, passados mais de dez anos de sua fundação, encorajados por diferentes colegas, nos animamos a organizá-la. Começo nesses termos porque estamos vivendo um momento histórico em que as pessoas, de modo geral, tendem a preferir modelos mais fáceis e rápidos de tratamento, como se eles fossem possíveis e sem nefastas consequências. Nossos votos de boas vindas são, então, dirigidos diretamente aos colegas e amigos que perseveraram nos valores da psicanálise, valorizando, estudando e aprofundando seu tesouro conceitual.

Neste sentido, ao agradecer as presenças, quero também cumprimentá-los por estarem aqui para honrar o nome do criador da psicanálise, Sigmund Freud, no dia do seu natalício. Essa Jornada de trabalho é em sua homenagem no transcurso dos 161 anos de seu nascimento, no ano de 1856. A Freud, que dedicou sua vida ao trabalho de investigação das minudências do funcionamento psíquico, nós o homenageamos com trabalho. Hoje, por certo, em diferentes lugares do mundo, outros colegas também estão se reunindo para prestar suas homenagens, cada um à sua maneira. Nós, há quinze anos, passamos a chamar este dia de *Freudtag*, o *dia de Freud*, e esperamos que, com o passar do tempo, todos o adotem.

Para melhor caracterizar nossa homenagem, quero dizer-lhes que nosso trabalho não começou recém há dez ou quinze anos atrás. Como toda a história, também temos nossa pré-história. Nesse sentido, fico muito feliz em apontar, entre os inscritos à nossa Jornada, algumas das testemunhas de nossa história antiga. E começo pelo Prof. Dr. Donald Schüler. Ele nos honra com sua companhia a mais de quarenta anos, desde que pela primeira vez o convidei a vir nos ensinar mitologia grega. O Prof. Donald é um sábio. Generoso, está sempre pronto a partilhar seu saber com quem precisa. Sua última publicação - ou uma das últimas, porque não é fácil acompanhar seu ritmo -, é sobre o seminário 23 de Lacan, *O Sintoma*, um seminário no qual, Lacan, desde seu segundo parágrafo refere-se à James Joyce. Nós o ouviremos. Quero acreditar que um dos pontos em comum, entre todos que responderam ao nosso convite, é a busca de um rigor conceitual, marca indelével do início de minha formação junto com Roberto Harari. A busca desse rigor tem me proporcionado algumas aproximações e muitos afastamentos, o que lamento. Mas as aproximações têm sido valiosas. Neste sentido, tenho de destacar

uma que, além de nos acompanhar, sempre estimulou nosso trabalho: Ricardo Landeira. Já disse uma vez, e vou repetir: desde que nos conhecemos, a mais de 30 anos, nos primeiros encontros fundacionais da Reunião Lacanoamericana de Psicanálise, sempre nos tratamos tão bem que parecíamos, desde o início, já adivinhar que seríamos grandes amigos. Desde muito, a cada tanto, Ricardo nos frequenta brindando-nos sempre com uma amostra de seu ensino *no* Montevideu. Landeira, com alguns colegas, fundou recentemente a instituição *Rede Lacaniana de Psicanálise*, e sua presença é prova de nosso comum propósito de interlocução. Ambas instituições são também convocantes da próxima Lacanoamericana, no Rio de Janeiro, em outubro do corrente ano. Entre os colegas que o acompanharam nesse movimento fundacional, esteve presente Alba Medina, também uma amiga comum de tanto tempo, que nos brindou seminários em Porto Alegre. Mencionar sua ausência é dizer de nosso lamento por seu passamento. Sua memória é dessas que nos incentivam a continuar. Outro membro da Rede Lacaniana de Psicanálise é Beatriz Duró, que também nos encanta com seus seminários e também com suas contribuições às Reuniões Clínicas em Ítininga, reuniões estas paridas de um sonho de Ricardo Landeira. E agora Eduardo Lopez, que tendo iniciado seu trabalho no campo da biologia, também traz seu trabalho no campo da psicanálise. Com Juan Carlos Mosca, que também nos honra com sua presença, nossa relação começou por uma transferência de trabalho. Antigo diretor da revista *Texturas en psicoanálisis*, publicou aí alguns artigos nossos, e também promoveu algumas conferências nossas em Buenos Aires. Em 2012 veio apresentar para nós suas preocupações com *O porvir da psicanálise*. Encantado com nosso projeto de *Freudtag*, levou-o para Buenos Aires e também para o México. Foi ele, aliás, quem nos lembrou desse aniversário de 3º lustro e foi também o primeiro a propor esse encontro. Outra presença que também nos honra é a da Dra. Laura Ward da Rosa.<sup>1</sup> Ela veio do campo da ginecologia para a psicanálise e já há alguns anos se dedica ao estudo de Lacan, procurando interessar também os seus colegas da IPA no estudo do mestre francês, em vida tão combatido. Quando diretora da Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, ela também publicou aí um artigo nosso. Seu esforço merece nosso respeito. Destaco também a presença da Lucélia Santos Stähelin. Ela nos acompanha desde muito tempo e veio de Florianópolis para nos falar das relações de Freud com a literatura, tema que fez parte de sua dissertação de mestrado. A Maristela Leivas e a Maria da Glória, desde sua experiência na clínica privada e também de suas práticas em um hospital público, nos relatarão, cada uma delas, um pouco do que aí têm apreendido. E, mais que isso, se a presença de cada um de vocês é importante para o sucesso de nossa Jornada, sem o trabalho e apoio delas não teríamos tido a coragem de realizá-la. A elas, meu particular agradecimento. Por fim, mas não por último, quero agradecer a presença dos colegas e amigos que ainda não se animam a apresentar seus estudos, mas cuja presença é de suma importância para todos nós. Alguns vieram de outros estados do Brasil e representam aquela parte da população que valoriza nossos esforços, e que são aqueles para os quais, enfim, nós trabalhamos.

Quando convocamos estas Jornadas, nós destacamos em seu texto a invenção freudiana de um novo objeto epistemológico, definidor, por si mesmo, deste novo

---

<sup>1</sup> A Dra. Laura Ward da Rosa preferiu não publicar seu trabalho.

campo: o inconsciente. Abriu-se, desde aí, uma nova dimensão do ser. Ao lado das digitais e do DNA, ela mostra a particularidade do funcionamento do psiquismo de cada um. Diferente dos outros campos do conhecimento nos quais o objeto está sempre fora de si mesmo, a psicanálise tem o poder de estabelecer uma relação do sujeito consigo mesmo, com sua instância histórica. E, para facilitar a relação do sujeito consigo mesmo, o analista tem de estar preparado, o que ele faz visitando e analisando suas próprias repressões, este território que um dia Freud chamou de terra estrangeira interior. Diferente de uma formação médica, por exemplo, onde a aprendizagem se dá *in altero*, a aprendizagem da psicanálise se dá sobre o próprio corpo. É um trabalho de investigação que permite o afloramento das reais capacidades do sujeito. Não se trata de nenhuma mágica nem da aplicação de forças estranhas ou exógenas. Trata-se de levar o sujeito àquele lugar que ele mesmo teria chegado se as melhores condições lhe tivessem sido dadas, como dizia Freud. Mas, se isso que, dito assim, parece fácil, na hora de realizá-lo, na hora de atualizar aquela *lettre* que restou *en souffrance*, conforme a leitura lacaniana de Poe, começam as dificuldades, começam as resistências, e para vencê-las é preciso paciência, muita paciência e conhecimento das motivações que promovem a angústia. Mais que tudo, porém, é preciso ter passado pela castração simbólica.

Não sei se isso é o assustador da psicanálise. Mas pensei que lhes contando uma fábula talvez facilitasse a compreensão de meu propósito. Trata-se de uma das histórias que aprendi com o Prof. Donald, muito antiga, quase da idade de nosso calendário cristão, pois foi dado a lume no ano 8 de nossa era, ainda no governo do Imperador Augusto. Menciono a data porque foi a mesma do exílio de Ovídio, seu autor, provocado, diz-se, pelo conteúdo subversivo do poema *As metamorfoses*. Comenta-se que o Imperador não teria gostado de saber que as pessoas sofrem transformações; disseminado, esse saber acabaria com a estabilidade do império. Esse fato nos leva a deduzir que a mensagem do poema teria sido considerada verdadeira: as pessoas sofrem mesmo transformações, sofrem metamorfoses.

Um das transformações mencionadas em *As metamorfoses* é a de Tirésias que, por ter, com seu báculo, violado o coito de duas serpentes, teve seu próprio sexo transformado, de homem que era, em mulher. Sete anos mais tarde, em cujo transcurso foi mulher, voltou a encontrar outro casal de serpentes em plena cópula e, tendo-as separado com seu báculo, voltou a ser homem.

Como consequência dessa experiência, Tirésias foi convidado a julgar uma contenda entre Zeus e sua esposa Hera. Discutiam quem, no ato do amor, gozava mais: ele dizia que era ela e ela dizia que era ele. Senhor das duas experiências, Tirésias decidiu a favor de Zeus: a mulher goza mais! Hera, então, vendo revelado o segredo de sua natureza, vingativa, feriu o juiz com a cegueira. Frente a esse ato de horror, Zeus ficou muito chocado; queria agradecer a quem lhe dera a vitória, mas não podendo desfazer o ato de outro deus, agora que Tirésias estava cego para as coisas do cotidiano, concedeu-lhe a visão do futuro.

Essa é a história conhecida de todos. O que quero propor-lhes é tomar o báculo de Tirésias como metáfora de teoria, em particular da teoria psicanalítica. Ao contar-nos

a história desse personagem - que é também o mais importante personagem do poema *Terra devastada*, de T. S. Eliot, e que esteve no horizonte de Virginia Woolf, ao escrever *Orlando* -, O Prof. Donaldo disse-nos que o báculo de Tirésias é fronteira entre a natureza e a cultura. Pois nós aprendemos com Tirésias que interferir na natureza não é sem consequências. E a mudança de sexo, no caso, pode ser entendida como o sofrimento da castração, de uma castração simbólica, desde logo, pois se trata de uma perda que coloca o sujeito em condição de viver outras coisas, de ver o mundo sob outro ângulo, que lhe abre outras potencialidades. E o restabelecimento do *status quo ante*, cujo *ante*, a bem da verdade, nunca mais será o mesmo, pois, na vida, não há retorno, será sempre possibilidade de novas experiências. Na premiada *visão do futuro* vejo a consciência das consequências éticas de cada ato, consciência alcançada apenas por aqueles que passaram pela castração. Não por nada, a primeira adivinhação de Tirésias é sobre a longevidade de Narciso: ele alcançaria os longos anos de madura velhice se não se deixasse tragar pelo esplendor de sua própria imagem. Para alcançar o ser e ter direito à vida é preciso ultrapassar os encantos da imagem

Desse modo, ressaltadas as particularidades de cada caso, podemos compreender a alienação do sujeito tanto às neuroses como às psicoses, mesmo às perversões e às toxicodependências. Sem a castração o sujeito não percebe as consequências éticas de seus atos, os quais, em última instância, concorrem para a continuidade de sua ligação com a natureza, o que equivale à participação em um gozo contínuo. E aqui me pergunto se será sobre isso que nos falará nosso colega Ricardo Landeira ao propor, como título de sua exposição, *a cultural*.

Enquanto aguardamos sua apresentação, permitam-me exemplificar minhas palavras com um fragmento de um caso o qual, suponho, poderia pertencer a qualquer tempo e a qualquer geografia. Trata-se de um sujeito que vem à consulta expressando e relatando um grande sofrimento. O grande motivo de sua aflição é porque sua amante não o quer mais. Coincide que, por causa dessa amante, sua esposa, ao tomar conhecimento desse caso, já não quer mais nem pensar em reatar a relação. Verdade também, ele confessa, que além dessas duas mulheres, sempre teve inúmeros outros casos passageiros. E então, em lágrimas, com a voz soluçante, ele diz : -*Reconheço, eu a traia*. Percebem o duplo sentido? Ao mesmo tempo em que se escuta a enunciação do verbo *trair*, é possível escutar também outro verbo resultante da homofonia propiciada pela anteposição do artigo definido *a*, o verbo *atrair*. Desse modo, ao mesmo tempo em que o sujeito confessa uma culpa, também declara um gozo. Porém, enquanto a culpa é consciente, o gozo é inconsciente, no caso o gozo fantasmático de sentir-se capaz de *atrair* as mulheres. Inseguro de sua virilidade, as conquistas tinham o poder de assegurá-lo, mas não definitivamente, por isso os renovados casos. Assim funcionam os sintomas: por um tempo são exitosos, mas, quando fracassam não raro produzem uma grande perturbação na vida das pessoas.

É isso. Para terminar, e dar início aos trabalhos, quero apenas lembrar que, em relação ao desejo, nós da Biblioteca somos discretos. Se não insistimos na propaganda, como está de moda hoje em dia, é porque somos discretos. Anunciamos nossas

atividades, as quais são sempre abertas, na internet, onde dispomos de uma página. Consta aí, em nossas publicações, nossa leitura da psicanálise.

Sejam então todos bem vindos, e bom trabalho a todos.





## MÍDIAS DIGITAIS E A PSICANÁLISE

M<sup>a</sup> da Glória S. Telles da Silva<sup>2</sup>

*Não podemos culpar a inventividade da ciência por ela estar sendo usada erradamente.*

(Albert Einstein.)

Começo compartilhando com vocês uma inquietação que, suponho, muitos concordarão. Quanto mais avançam as conquistas no campo científico e tecnológico, menos os homens têm se perguntado sobre a sua implicação na origem dos seus sofrimentos.

A proliferação das mídias digitais tem possibilitado cada vez mais a interação entre as pessoas de distintas geografias, de forma quase instantânea, oferecendo também uma gama infindável de meios de divertimentos que não dependem da presença do outro para obter satisfação. Nas ruas, esbarramos constantemente com as pessoas falando, lendo e escrevendo mensagens em seus celulares. Entramos em restaurantes e assistimos famílias inteiras, cada um com um desses aparelhinhos nas mãos, conectados sabe-se lá com quem, quando não com o que está ao seu lado. As crianças, absortas em algum joguinho em seu tablet, num estado quase hipnótico. Enfim, quase todas as relações hoje estão mediadas por alguma tela e um teclado.

Afinal, quais as consequências para o sujeito dessa nova via de relação com o outro?

Vivemos num tempo marcado pela urgência do aqui e do agora, que abomina qualquer idéia que presentifique o sofrimento e a infelicidade. Tempo este que pretende manter o sujeito o máximo possível num estado de *plus-de-gozo*, produzindo - ao incentivar sua manutenção na relação com estes objetos animados, como se fossem o meio ideal para alcançar satisfação - um esmorecimento da relação do sujeito com outro através de um laço discursivo.

Como bem destaca Lacan, no Seminário *O avesso da psicanálise*, de 1969, *faltando significante, não há distância entre gozo e corpo*.<sup>3</sup>

Nesse mesmo Seminário, ele já advertia para esses *gagets*, essas *Lathouse*, como ele nomeou esses *pequenos objetos a que, vamos encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que governa*<sup>4</sup>, diz ele.

<sup>2</sup> Membro da BSFreud – Espaço de Formação e interlocução em psicanálise.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O avesso da psicanálise*. Zahar, Rio de Janeiro, 1992, pg. 168.

<sup>4</sup> idem nota 3, pg. 153.

Nos últimos tempos, tenho acompanhado, em número cada vez mais crescente, jovens, cujas queixas - deles mesmos ou dos pais que os trazem - referem-se a um vazio na sua existência e no seu desejo de viver. Muitos deles, não conseguindo formular em palavras, se apresentam com sintomas e problemáticas que apontam a uma **relação de excessos**, para mais e para menos, em suas atividades cotidianas, evidenciando também uma dificuldade na capacidade de se relacionar com as pessoas. Queixas de isolamento, apatia ou dispersão, desinteresse nos estudos e por quaisquer outras atividades são as mais frequentes, sempre acompanhadas de efeitos como mau desempenho escolar, oscilações no seu estado de humor, atos de auto-agressão e tentativas de retirar-se dessas situações, que são de tristeza ou angústia, valendo-se do uso excessivo de medicações.

Identifico em alguns desses sujeitos graves prejuízos no que se refere a sua constituição desejante. Sujeitos em que a inscrição do *Nome-do-pai*, na estruturação subjetiva, mostra-se precária e por isso, muitos buscam preencher esse vazio e a falta de sentido, decorrentes de suas dificuldades de aproximarem-se dos outros, com o consumo crescente de objetos, especialmente estes que, sendo portáteis, estão feitos para mediar – não pela palavra falada, mas dedilhada – essa relação com os demais e que só fazem ampliar ainda mais essa impotência do *nada saber do que deseja*, na medida em que tais recursos servem de anteparo ao enfrentamento com a presença direta e perturbadora do outro.

As perguntas que têm me acompanhado, especialmente no trabalho com adolescentes, são:

Estes novos recursos da era tecnológica podem perturbar ou ajudar o sujeito no transcurso desse momento de vida?

Nesse tempo que marca a adolescência, em que o sujeito precisa confrontar-se com o outro sexo, construir e firmar sua identidade sexual e reposicionar-se em relação ao desejo do Outro primário, como situar as mídias digitais nesse processo?

Carlos, 17 anos, chega após dois episódios de uma suposta *tentativa de suicídio*, por ingestão excessiva de medicamentos. Ele diz: *Na verdade, eu só não queria pensar em nada, queria fugir de tudo*. Fala do quanto se sente muito cansado e diz: *Não é um cansaço físico. É na cabeça. Só penso em morrer. Não vejo mais sentido em nada. Não tenho mais vontade de nada. Tenho medo de falar com as pessoas. No colégio – está repetindo o primeiro ano do ensino médio –, não tenho vontade de falar com meus colegas e não quero fazer os trabalhos com eles. Meus amigos, hoje, são só virtuais*. Nas férias, passava a noite no computador, pois tinha dificuldades para dormir, mas também não dormia de dia. Começou um namoro com uma menina que mora em São Paulo e queria ir lá para encontrar com ela. A mãe dela já tinha concordado, mas seu pai não deixou.

Da relação com seu pai, conta que, *quando criança, eu era o orgulho do meu pai. Eu era organizado, sempre ajudava em casa. Depois iniciei um trabalho aos 16 anos, mas foi muito cansativo trabalhar e estudar e acabei não conseguindo dar conta e abandonei trabalho e estudo. Depois disso, meu pai só me critica. Me sinto muito sozinho. Penso demais no futuro e sinto medo de perder a pessoas que gosto*, diz ele.

Da relação dos pais, comenta que nunca os viu tendo uma demonstração de carinho um com o outro. *É cada um num canto*, diz. Quando o pai chega em casa vai para o computador e fica lá. A mãe também fica com suas amigas no computador e ele se chateia de se sentir só. Sua pergunta gira em torno a não saber qual seu valor para esses pais, daí suas tentativas de convocá-los a uma resposta com seus atos de desvanecer-se com as medicações e abastecer-se com as relações virtuais.

O mundo virtual é hoje uma realidade acoplada no dia-a-dia das pessoas. Quase tudo acontece intermediado por uma tela. Esta tela, que é também uma superfície em que se projetam imagens, amplificou o campo do imaginário, elidindo, ao mesmo tempo, o *olho no olho* do contato pessoal, este olho que, tal como os demais objetos *pequeno a*, porta um vazio, capaz de estruturar o lugar desejante do sujeito. Logo, deparar-se com ver e ouvir o semelhante, em presença e tempo real, tem a função de colocar em jogo a castração. E esses objetos, tão ao alcance da mão, por assim dizer, estão a serviço de evitar o encontro do sujeito com a castração.

Sem dúvidas que a tecnologia digital nos traz grandes benefícios e facilidades. Hoje graças aos recursos digitais, temos acesso a serviços, informações e entretenimentos - via computadores, celulares, televisões -, tudo de modo instantâneo e ininterrupto, praticamente sem necessidade de interagir diretamente com o semelhante.

O fato é que estes novos recursos tecnológicos, também *alteraram significativamente o modo de relação com nosso semelhante*.

Se antes, para se relacionar com o outro, exigia-se a presença física, hoje, o avanço das telecomunicações possibilitou um encurtamento das distâncias geográficas e do tempo cronológico que separam as pessoas, ao aproximarem quase instantaneamente imagem e voz do outro. Essa rápida e drástica mudança na forma de se comunicar *ampliou de tal forma o mundo, modificando a noção de limite e fronteira* gerando certa confusão na *diferença entre relacionar-se e comunicar-se com o outro*.

Uma primeira constatação desses efeitos produzidos pelo mundo digital refere-se ao *apagamento dos intervalos*.

*Vive-se eliminando os intervalos*, como se esperar fosse *perda de tempo* e o bom parece estar em realizar diversas tarefas simultaneamente: ler, estudar, ouvir música, ver TV, pesquisar no celular, etc., tudo ao mesmo tempo.

*E qual é a importância dos intervalos?*

O intervalo é um espaço de tempo que tem uma função organizadora. Não existe discurso sem escansão entre as palavras, entre as frases, entre uma pergunta e uma resposta. O intervalo marca a diferença, há um antes e um depois. É no intervalo também, espaço vazio frente ao silêncio do outro, que o sujeito poderá esboçar a pergunta *o que quero?*, colocando-o em direção ao seu desejo.

E por que o *apagamento desse intervalo* entra com uma força compulsiva na vida das pessoas?

É porque ele traz *o encobrimento da angústia*, dessa angústia que invade a todos, frente ao desconhecido, por não saber a resposta de quem é o outro com quem temos de interagir?

Ao estabelecer uma relação com o outro, com o semelhante, o sujeito terá de deparar-se com os efeitos propiciados por este confronto, uma vez que ele faz retornar o que não sabe de si, o desconhecido, o diferente; este semelhante que, quando marcado pelo vazio da falta do Outro, o colocará frente a frustrações e decepções, por não ser o reflexo de uma imagem que responde a sua demanda de reconhecimento.

*Em outras palavras, evitar o intervalo é uma forma de evitar o encontro com o limite, com a castração.*

E será frente ao insuportável desse tempo, quando o sujeito ainda não consegue encontrar formas discursivas para dizer quem é mais além do que estava definido pelo fantasma do Outro; quando ainda não sabe como se apresentar para o outro de modo a sustentar sua singularidade, como um entre os demais e na impossibilidade de ter essas respostas imediatas com um texto próprio, capaz de dar contorno a uma nova imagem que o identifique frente ao outro, é que emergirá a angústia.

Aí, o apelo ao *mundo digital* se apresenta, nos dias de hoje, como um *campo de apaziguamento*. As relações virtuais, na medida em que elidem esse encontro com o corpo do outro, do outro em sua dimensão real, simbólica e imaginária, favorece que o sujeito retarde esse encontro com a castração.

Muitos sujeitos encontram nessa prática de saltar incessantemente de mídia em mídia uma via para procrastinar o momento de decidir; porque não sabem o que decidir, não querem correr os riscos e decidir mal, então não decidem nada. *Nem sequer há que tomar a decisão heróica de ver um programa ou outro: podem ver os dois ao mesmo tempo*, comenta a psicanalista Haydée Heinrich, no seu texto *Zapping*<sup>5</sup>, onde explora esse tema do apagamento do desejo, tão presente nas gerações mais recentes.

Ao refugiarem-se no mundo virtual, onde tudo parece estar pronto e já respondido, os sujeitos esvaziam e retardam a possibilidade de formular uma pergunta própria frente as suas inquietações.

Conectados em redes, alguns sujeitos partilham o isolamento e navegam num mundo de pura ficção, solitários no seu imaginário, compartilhando textos e imagens que dão a impressão de estar com os outros. A solidão fica encoberta por palavras como: seguidores, amigos, *emotion*, *bachtags*, enfim, uma proliferação de imagens e mensagens que preenchem um imenso vazio.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman<sup>6</sup> inventor do conceito de *Modernidade líquida* diz assim: *Nas redes sociais é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não*

<sup>5</sup> Heinrich, H. *Zapping*. In: Bordes...un límite en la formalización. Homo Sapiens Ediciones, Rosario, Argentina, 1995.

<sup>6</sup> Zygmunt Bauman é sociólogo, nasceu no dia 19 de novembro de 1925, em Poznán, na Polônia. Serviu na Segunda Guerra Mundial pelo exército da União Soviética. Mora desde 1971 na Inglaterra.

*são necessárias. Estas são desenvolvidas nas ruas, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí tem que enfrentar as dificuldades de se envolver com um diálogo. (...) As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia. Muita gente as usa não para unir, não para ampliar horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que vêem são os reflexos de suas próprias caras<sup>7</sup>.*

Para a psicanalista Guilhermina Dias, um *sujeito* que *não arrisca nada, não está ali como sujeito, senão como operador de máquina. E uma máquina pode satisfazer uma necessidade, contribuir a realização de uma fantasia, mas é incapaz de dialogar amorosamente. Só no encontro com os outros se produz o encontro com o que ignoramos.* E isso faz cair *uma ilusão: não só não se sabe o que quer o outro, se não que fundamentalmente cada um estará exilado de seu próprio saber<sup>8</sup>.*

Como enfrentar esse enigma que sempre nos ronda e nos inquieta: quem sou eu para o outro? Ou, dito de outro modo, como se fazer reconhecer pelo Outro?

Quanto mais os sujeitos ficam pulverizados nas propostas coletivas modernas dos grupos, ingressando nas redes em busca de afirmar uma identidade, mais se esvai a possibilidade de reconhecer-se em sua singular subjetividade.

Portanto, nesse espaço de satisfação imaginária, que as mídias digitais proporcionam, se estabelece um círculo vicioso, na medida em que a resposta que o sujeito obtém nesse exercício infundável de se fazer reconhecer pelo outro, via produção de imagens, fracassa, produzindo mais insatisfação, solidão e insegurança, e o lança numa angústia de *nada saber sobre quem é*, e, assim, volta a repetir o apagamento da angústia por um novo encobrimento do intervalo.

Soma-se a isso outras dificuldades.

Até pouco tempo, adquirir saber estava associado à relação com um mestre, reconhecidamente detentor de alguma experiência, para aprender com ele; apostava-se nessa relação. Havia valor em se sujeitar às exigências dessa transmissão, pois se reconhecia como necessárias para realizar também a própria trajetória que levaria a adquirir esse saber qualificado.

Isso parece ter-se modificado nessa geração da era digital. A busca pelo saber não só não está mais associado à figura de uma alteridade, como esta foi pulverizada ao se informatizar praticamente todo o conhecimento existente no mundo hoje.

Com toda essa imensidão de informações, a *ciência* pretende nos levar a crer que não há mais objeto oculto e que é só uma questão de tempo para que *toda a verdade possa ser acessada*, em qualquer momento, em qualquer lugar, e tudo estará respondido.

---

<sup>7</sup> Zygmunt Bauman: *As redes sociais são uma armadilha*. Entrevista para Ricardo de Querol, do Jornal El País, em 09 de janeiro de 2006.

<sup>8</sup> Diaz, G. *A iniciación sexual en los tiempos de la informática*. In: El tren de los Adolescentes. Editorial Lumen Humanitas, Buenos Aires, Argentina, 1998.

A verdade já não está mais vinculada a uma enunciação, portanto sempre parcial, mas ao conhecimento, tornando-o mais um objeto de consumo. E tudo em nome da busca de satisfação e da felicidade dos homens.

Desde um tempo primário de identificação, o sujeito se dirige ao outro em busca de reconhecimento e segurança. Espera ver no outro uma extensão do eu narcísico, e deseja manter-se nesse conforto imaginário para que nada ameace sua soberana existência. E, como a presença do Outro, em seu lugar de alteridade sempre evoca um desconhecido que gera desconforto, alguns preferem eliminar esse mal-estar, ignorando ou até eliminando o outro de sua vida.

O despreparo para navegar na diferença parece ter se acentuado nesse tempo pós-moderno. Podemos dizer, com Lacan, que no campo das questões subjetivas não há progresso. Com todo o avanço tecnológico, não se elimina o mal-estar na cultura.

De certo modo, a invenção freudiana, que inaugura o campo da psicanálise depende dessa possibilidade de articular a experiência (de satisfação), do lado do real, ao imaginário e ao simbólico.

O certo é que há uma dificuldade universal em transformar o vivido, a experiência, em discurso. O desafio do psiquismo sempre será transformar a percepção em representação palavra. Problema que segue crucial e recolocado a cada momento, sendo o que marca a impossibilidade de avanço do homem e conquista da subjetividade sobre o campo da natureza, puramente perceptiva.

Estas são questões do lado de um *saber sobre a vida*.

Num texto<sup>9</sup>, onde Luiz-Olyntho examina essa capacidade do sujeito de transformar em palavras sua percepção da realidade, ele nos explicita de um modo muito interessante esse processo, dizendo que *a realidade psíquica que o Princípio da realidade estrutura é herdeira da alucinação*, e se funda *por cima de uma falta* que é, no princípio, *insuportável* ao sujeito e que *só pode ser tolerada se suprimida pela alucinação*.

Se num primeiro tempo subjetivo é a alucinação a via para apaziguar a falta do sujeito, nesse tempo adolescente, o apaziguamento, quando não vem do sono, propiciador do sonhar alucinatório, pode vir da imersão nesse mundo virtual, pleno de aplicativos na busca de satisfação pulsional, propiciador de um gozo que favorece a manutenção de um eu narcísico.

E essa transformação do saber que adquirimos na experiência, no vivido, em discurso não se alcança sem a linguagem. E sendo a linguagem, por definição, um recurso atravessado pelo limite da enunciação, essa experiência vai dizer de um modo particular de apropriação deste vivido. Assim sendo, não alcançamos jamais, via experiência, uma possibilidade de ordenação e domínio homogêneo da vida.

---

<sup>9</sup> Telles da Silva, L.O. *Freud/Lacan – O desvelamento do sujeito*. Editora Movimento, Porto Alegre, 1999.

Conforme comenta o filósofo italiano Giorgio Agambem<sup>10</sup>, no seu livro *Infância e história*, a era digital produziu uma queda na autoridade pela experiência e fundou a crença na autorização pela experimentação. O virtual autoriza a tentativa de ensaio e erro, sem colocar em jogo a própria vida.

Nesse sentido, esses recursos ficcionais são também espaços que permitem construir um caminho, ainda que imaginário, ao fornecer elementos que servem de lastro para compor um novo universo interno e possibilitar a identificação de algum desejo criador, que remeta o sujeito de volta à interação com o outro, ali onde no início esse acesso era apenas impossibilidade.

Gabriel, 11 anos, um menino vivaz, com uma capacidade de expressar-se diferenciada de outros meninos de sua idade, quando fala de si, se define assim: *sou quieto e não gosto de interagir e conversar com meus colegas. Para mim isso não é ruim, mas a mãe e os professores no colégio não acham isso normal.* Gabriel é gêmeo com outro irmão e, ao mesmo tempo em que se reconhece muito diferente dele, é muito ligado a ele e, sua grande chateação é o modo como a mãe os trata: *para ela nos somos um só. E ela diz que quer corrigir os erros que teve com nossos irmãos só que ai nos prende muito e não nos deixa avançar. Tudo, eu e meu irmão temos de fazer junto.* A mãe fala de sua preocupação, dele ser muito educado e dócil. Diferente do outro irmão, não reage nas situações onde é confrontado. *Guarda tudo para ele; é muito fechado. Sua única ocupação são os jogos da internet,* diz ela. Gabriel, junto com seu irmão, cria vídeos de animação, chamados *Sparkles*, onde ele faz o enredo e o irmão a trilha sonora. Desde aí, tem um mundo de seguidores. Nesse momento, os vídeos tem sido o meio de fazer sua vida lampejar e vir à luz.

O desafio, ao acompanhar na clínica muitos desses adolescentes, é possibilitar que recuperarem sua condição de sujeito, ao invés de serem meros operadores de máquinas.

No caminho de alcançar saber por essa via da experiência, o sujeito precisa estar advertido que toda e qualquer relação com o outro será sempre parcialmente satisfatória. Valorizando suas descobertas, ele poderá suportar que a relação com o outro deixará sempre uma marca de abertura, de incerteza e inexatidão, necessária para seguir construindo seu próprio caminho.

Por isso a psicanálise está na contra-via da ciência que, com sua promessa de oferecer ‘o máximo de satisfação com o mínimo de esforço’, busca ofertar tudo o que evite desperdício e desprazer.

O que a psicanálise oferece é um caminho para conectar-se com esse ponto indizível que abre novas significações e permite ao sujeito sair de um modo congelado de gozo.

Diferente do que oferta a ciência, com sua forma de homogeneizar as vias de satisfação para melhor dominar o homem, o trabalho do psicanalista na direção da cura poderá ajudar o sujeito a mover-se de sua miséria neurótica, que o coloca numa posição

---

<sup>10</sup> George Agamben, *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

de servidão ao Outro, para ir construindo sua forma própria de estar no mundo na medida mesma em que vai vivendo e, desse modo, sustenta uma posição ética para que jamais seja abolida a natureza desejante do homem.





## a cultural

Ricardo Landeira

Empecemos por una pregunta ¿Hay contribución del psicoanálisis a la cultura?

Una *primera respuesta* es, sí la hay. Esto es así, a comienzos del siglo pasado Freud sacudía la cultura occidental de su época de fuerte raigambre victoriana, diciendo que los niños, lejos de ser el símbolo de la pureza como se sostenía en ese entonces, sexualmente eran “perversos polimorfos”, que estaban enamorados de la madre y querían matar al padre, tal como se cuenta en el mito de Edipo. Hagan el esfuerzo de pensar lo que esto causó en esa época, y como si fuera poco, en esos mismos años, también dijo que lo determinante para un ser humano no era la razón, sino que la determinación de los pensamientos y actos era inconsciente. Freud mismo, años después, en 1917, en “Una dificultad del psicoanálisis”, sostuvo que había causado una de las tres heridas narcisísticas del ser humano. Ahí Freud se asocia a Copérnico y la constatación de que la tierra gira alrededor del sol y no al revés, como se creía; y a Charles Darwin con su teoría de la evolución, donde el hombre descendía de ellos.

Tal fue la contribución del psicoanálisis a la cultura, que hoy día, cuando recibimos a los pacientes en la clínica ya vienen diciendo que quieren acostarse con la madre y matar al padre. Y que los ayuden a entender lo que les sucede pues están dominados por lo inconsciente. Allí donde también el diván pasó a ser utilizado por los medios, como símbolo privilegiado para dar una imagen de los tratamientos psicológicos, aún de aquellos que no tienen relación con el psicoanálisis.

Una *segunda respuesta* a esa pregunta, quizás más radical, es que todo campo del saber, es hijo de su época, si aceptan decirlo de este modo. Para nosotros los mortales hay diferencia con lo que sólo se le confiere a dios, recuerdo lo que dijo San Agustín, dios crea al mundo a partir de la nada, la llamada *creatio ex nihilo*. Esto quiere decir que antes de la creación no había ni materia ni tiempo. Únicamente existía dios y sus ideas. Según ellos, al crear el mundo dios crea también el tiempo, lo que implica que dios queda al margen del tiempo, es eterno. Para ellos, las ideas eternas existentes en dios son los factores que constituyen el mundo y las nombran como la *materia*, el *tiempo* y la *forma*. Como ven, hay-al-menos-uno que escapa a la castración, y esto sucede porque es necesario, llámese dios o el padre de la horda primitiva, según el mito freudiano.

Esto nos deja a los mortales la posibilidad de la *creatio ex materia*, es decir, construimos a partir de lo que crearon otros, tomamos los elementos que ya están en la cultura, y los repetimos, los usamos, a veces hasta con cierto sesgo de originalidad. Pero a no dudar, si me permiten usar dos términos fuertes que estoy seguro no los van a escandalizar, “robamos” ideas, o como ahora está más en boga decir, las “plagiamos”, aunque también las citemos.

Aunque hay muchos criterios éticos sobre el uso de lo ya creado, me gusta lo que lanzó Stendhal, entre irónico y desafiante, *el plagio sólo es aceptable, si también hay asesinato*.

Esa es la apuesta, al menos para mí, poder hacer de lo que tomamos de otros algo diferente, una creación a nivel de los mortales. Lo que sabemos no es fácil de lograr, aún para los que llevamos muchos años intentando el *asesinato*.

Entonces finalizo *la segunda respuesta* diciendo, que toda creación, en cualquier disciplina, por tanto también en psicoanálisis, forma parte de la cultura, tomando cultura en su sentido más amplio, porque está hecha con partes de la misma. Por tanto, no sólo contribuye, sino que se origina en ella. Es sólo en el vientre de una determinada cultura que se va a crear algo nuevo.

Y esto nos da pie, para lo que es *la tercera respuesta*, se los digo rápidamente, el psicoanálisis en la cultura también es lo que llamo, *a cultural*.

¿Es esta una contradicción con lo que antes respondí?

Sí, lo es. Y mantengo como válidas una y otra parte de la contradicción, quiero decirles que estas respuestas que estoy proponiendo es necesario que se piensen a través de una lógica paraconsistente, que nos permite salir del marco de que el *principio de la no contradicción*, que es un principio clásico de la lógica, que rige el pensamiento común

Porque la propuesta lacaniana es que se puede hacer funcionar la lógica matemática negando el principio de la no contradicción de la lógica clásica. Algo que podrán encontrar desarrollada en la lógica paraconsistente del curitibano, Newton da Costa, a quien rindo tributo por su creación.

La lógica del significante de Lacan es una lógica paraconsistente, donde el álgebra de los términos de Lacan gravita en torno a la inconsistencia.

Funciona en su expresión, tal como se la formula en el conocido apólogo del caldero, *"tú no me prestaste ningún caldero, luego, yo te lo devolví sin agujeros, y además, el caldero ya estaba agujereado"*. Esto causa malestar en la cultura, porque causa malestar en el pensamiento que se maneja con la alternativa binaria.

Además para entender esto que les expongo, es necesario manejar la diferencia que hay entre los conceptos de contribución y absorción, que nos llevan a lo que es el malestar del psicoanálisis en la cultura, o mejor aún, el malestar de la cultura *con* el psicoanálisis.

Y les respondiera, sí, el psicoanálisis contribuye a la cultura; aunque siendo parte, mejor es decir que participa, y a la vez, no contribuye, porque es rechazado aquello que en la cultura no se puede absorber.

Desde la cultura hay una absorción de lo que se produce en cada campo del saber. Y tomo el término absorción como se usa en la física, donde hay la absorción es la pérdida de la intensidad de una radiación al atravesar un medio, sucede algo similar con la propagación del sonido. Algo que se absorbe y un resto que se propaga.

Cuando una onda sonora alcanza una superficie, la mayor parte de su energía es reflejada, pero un porcentaje de ésta es absorbido por el nuevo medio. Todos los medios absorben un porcentaje de sonido que propagan.

Hay una parte de los conceptos del psicoanálisis que se propagan culturalmente y el resto no. Y el modo que tiene la cultura de absorber lo que no puede integrar, es diluyéndolo, cambiándole el sentido, quitándole el veneno, para que *la peste no se extienda*.

Si bien el psicoanálisis contribuye, la cultura absorbe lo que no tiene que propagarse. No se puede esperar que una cultura acepte con agrado e incorpore aquello que pone en cuestión sus bases.

Vayamos a lo que decía Lacan sobre esto:

“En lo concerniente a aquello de lo que se trata, a saber, lo que se relaciona con el deseo, con sus arreos y su desasosiego la posición del poder, cualquiera sea, en toda circunstancia, en toda incidencia, histórica o no, siempre fue la misma.

“¿Que proclama Alejandro llegando a Persépolis al igual que Hitler llegando a París? Poco importa el preámbulo—He venido a liberarlos de esto o de aquello. Lo esencial es lo siguiente: continúen trabajando. Que el trabajo no se detenga. Lo que quiere decir; Que quede bien claro que en caso alguno es una ocasión para manifestar el más mínimo deseo. La moral del poder, del servicio de los bienes, es: en cuanto a los deseos, pueden ustedes esperar sentados. Que esperen. (Seminario “La ética del Psicoanálisis”, clase 24)

Y agrega:

“Una parte del mundo está orientada resueltamente en el servicio de los bienes, rechazando todo lo que concierne a la relación del hombre con el deseo, es lo que se llama la perspectiva postrevolucionaria. La única cosa que puede decirse, es que nadie parece darse cuenta de que al formular así las cosas, no se hace más que perpetuar la tradición eterna del poder.

“Propongo que de la única cosa de la que se puede ser culpable, al menos en la perspectiva analítica, es de haber cedido en su deseo.

“Hacer las cosas en nombre del bien y, más aún, en nombre del bien del otro, esto es lo que está muy lejos de ponernos al abrigo, no sólo de la culpa, sino de toda suerte de catástrofes interiores.” (Ibíd.)

Si nos preguntamos ¿cuáles son los medios por los cuales se diluye y cambia aquello que rechaza, Lacan lo adelanta:

“Creo que a lo largo de este período histórico, el deseo del hombre largamente sondeado, anestesiado, adormecido por los

moralistas, domesticado por los educadores, traicionado por las academias, se refugió, se reprimió muy sencillamente, en la pasión más sutil y también la más ciega, como nos lo muestra la historia de Edipo, la pasión del saber. Es ella quien está marcando un paso que aún no ha dicho su última palabra.” (Ibíd.)

Y en la modalidad de absorber por medio de cambiar el sentido o llenarlo lo que no lo tiene, ahí tenemos a la religión. Lacan dice en la Conferencia de Prensa que realizó en Roma el 29 de octubre de 1974, lo siguiente:

“Si la religión triunfa, *lo que es más probable* -hablo de la verdadera religión, hay una sola verdadera-; si la religión triunfa, será el signo de que el psicoanálisis ha fracasado.

“Lo más normal es que el psicoanálisis fracase, pues aquello de lo cual se ocupa, es algo muy, pero muy difícil... Y en cuanto a sentido, conocen bastante. Son capaces de dar un sentido, puede decirse, verdaderamente a cualquier cosa, un sentido a la vida humana por ejemplo... Y la religión *va a dar un sentido a las pruebas más curiosas*, justamente a aquéllas que comienzan a provocar un poquito de angustia en los propios científicos; la religión *les va a hallar sentidos truculentos*. No hay más que ver cómo pintan las cosas ahora. Se ponen al día.” (“Actas de la Escuela Freudiana de París. Ed. Petrel)

Es entonces que Lacan reafirma que el psicoanálisis *es un síntoma* de la cultura:

“Sólo hay que comprender síntoma de qué. En todo caso y claramente, como lo dijo Freud (puesto que él habló de *Malestar en la cultura*), el psicoanálisis forma parte de ese malestar en la cultura.

“Entonces, *lo más probable es que a pesar de todo, no vamos a quedarnos allí*, dándonos cuenta de que el síntoma es lo más real que existe. Nos van a hacer segregar sentido a manos llenas, y *eso alimentará* no solamente a la verdadera religión, sino a un montón de religiones falsas.” (Ibíd.)

El otro modo de la absorción según Lacan es a modo universitario:

“...los universitarios poco a poco habían logrado digerir lo que Freud, con mucha habilidad por otra parte, se había esforzado por tornar comestible, digerible; Freud mismo se prestó a ello por querer convencer; el sentido del retorno a Freud es eso: mostrar lo que hay de tajante en la posición de Freud, en lo que Freud había descubierto, en lo que Freud hacía entrar en juego de una manera diré completamente inesperada, porque *era verdaderamente la primera vez que se veía surgir algo que no tenía estrictamente nada que ver con nada que se hubiera dicho antes*. El

inconsciente de Freud es eso, la incidencia de algo completamente nuevo.” (Ibíd.)

Por ello Lacan tiene esta perspectiva:

“Porque hay una cosa que, a pesar de todo, es bastante curiosa: incluso ciertos escritos, que son escritos muy serios, finalmente se tornan lugares comunes.

Dentro de muy poco tiempo, ya verá usted, encontrará a Lacan por todas las esquinas! ¡Ni más ni menos que Freud! *Finalmente todos se imaginan que han leído a Freud porque Freud anda rodando por todas partes, anda rodando en los diarios, etc.*

*Ya me tocará a mí también, verá usted; a todos les podría ocurrir si se abocaran a ello; si hicieran las cosas un poco más apretadas, por supuesto, apretadas alrededor de un punto muy preciso que es lo que yo llamo el síntoma, o sea, lo que no anda.”* (Ibíd.)

Y esto tiene que ver con los analistas:

“El analista por su parte, es algo muy distinto. *Está en una especie de momento de mutación.* Durante un breve instante nos pudimos dar cuenta de qué era la intrusión de lo real.

“El analista se queda allí. Está allí como un síntoma, y no puede durar más que a título de síntoma. Pero ya verá usted que curarán a la humanidad del psicoanálisis. A fuerza de ahogarlo en el sentido, en el sentido religioso por supuesto, se llegará a reprimir ese síntoma.” (Ibíd.)

Los analistas tenemos que ver con lo que no anda, en un mundo pleno de sentido, y es justamente ante esto que ubicamos la falta de objeto, el pequeño objeto a, el plus de gozar.

No estoy de acuerdo con Lacan, los analistas no estamos *allí como un síntoma*, somos los que podemos hacer un síntoma de lo que no anda, tal como en ocasiones hacemos en la clínica. Es por ello que producir el malestar, y poner en falta a la cultura, es lo que va a hacer que el psicoanálisis se sostenga. Y que demos un lugar en nuestra clínica a que un sujeto pueda tomar contacto con lo imposible.

El psicoanálisis forma parte de la cultura y a la vez es a cultural.

Me parece muy interesante la propuesta de esta Jornada, poderla discutir en este tiempo en que se trata de masificar al sujeto, de colmarlo, los analistas tenemos que volver a interrogarlo por su deseo, eso que le es particular y lo ubica en una posición diferente a los otros, lo desmasifica.

Los analistas construimos un tiempo y un espacio diferente al de lo cotidiano y al de lo urgente, en los que podemos sustraernos al imperativo del amo, de los amos, y de los significantes-amos. Bajo sus diferentes apariencias:

¿Quién no ha escuchado, cuando no, sucumbido, ante estas ofertas?

Compre agora! Você quer e você pode! Não demore! Não seja assim! Mude seu corpo! Mude sua mente! Faça agora! Livre-se logo dos sintomas! Prepare-se! Previna-se! Seja um analista breve! Seja mais que o outro! Você precisa disso! Adquiera esta técnica! Talvez falte dizer, deseje isto... agora! E para isso: disque agora! E mais, os que dizem saber tudo isso que você necessita e deseja, já têm tudo pronto! E, desde logo, o enviam diretamente para sua casa, tudo garantido.

(¡Compre ya!, ¡Ud. lo quiere y se lo lleva!, ¡no se demore!, ¡no sea como es!, ¡cambie su cuerpo!, ¡cambie su mente!, ¡hágalo ya! ¡Despójese rápidamente de sus síntomas!, “asegúrese!, ¡cuídese!, ¡sea analista en un tiempo breve!, ¡sea más que el otro!, ¡Ud. lo necesita!, ¡adquiera la técnica!, quizá falte decir, ¡deseee esto . . .ya!, y para ello: ¡disque ya . . .!, y además, quienes dicen saber todo esto que Ud. necesita y desea, ¡ya se lo tienen pronto! y por supuesto . . .se lo envían a su casa y además se lo garantizan.”)

Con el psicoanálisis lacaniano, hemos dado otro paso, para usar los términos griegos, el paso del *to on*, al *me on*, del ser al no-ser. Ahí donde se juega la falta, la falta en ser, el des-ser, el agujero. Esa es la apuesta clínica lacaniana que sostenemos. Lacan dice en "Real, Simbólico, e Imaginario": "*Para que alguna cosa exista es necesario que en alguna parte haya un agujero*". Lo dicho por un sujeto encuentra su límite, en lo que no se puede decir, y mejor aún, en el decir que falta.

Porque la incompletud, cuando es consecuencia de un descompletamiento, es tan necesaria para el ser humano, que es el motor de todos sus avances, del amor, del deseo, y del saber. Y también, del análisis. Mis últimas palabras se las dejo al poeta.

“ Hay que cambiar la locura del mundo.

Para iniciar el trabajo  
se puede, por ejemplo,  
tomar todos los nombres propios  
y escribirlos de nuevo con letras minúsculas,  
comenzando por el del ser más amado  
o la mayor ausencia,  
sin olvidar tampoco  
el nombre propio de la muerte.

Al empequeñecer progresivamente los nombres,  
iremos recobrando el vacío que contienen  
y quizá podamos hallar como añadido  
el nombre propio de la nada.

Y nombrar a la nada  
puede ser precisamente

la fundación que nos falta:  
la fundación de una locura  
que no necesitemos cambiar.”<sup>11</sup> (“



---

<sup>11</sup> Roberto Juarroz, *Undécima Poesía Vertical*. Ed. Carlos Lohlé. 1988, p.21.

## DE LAMARCK A FREUD Y VICEVERSA

Eduardo López de León

La ciencia ha sido una continua interacción de discursos. En especial, la relación entre el psicoanálisis y la biología tiene hoy más de 100 años de encuentros y desencuentros y que no parecen tener un punto de reposo.

El psicoanálisis, descubierto por un médico y biólogo llamado Freud, comienza su historia desgajado a modo de costilla adánica, en las inmediaciones de la neurología para convertirse en una disciplina o ciencia con un objeto propio, el inconsciente.

Sin embargo, su creador nunca renegó de su formación biológica y por medio de la biología de su tiempo buscó en ella un fundamento teórico con el que pudiera dar cuenta de los hechos observados y que no podían ser explicados con la nueva teoría en ciernes.

De todas maneras, el psicoanálisis no se convirtió en una rama de la biología o de la medicina por lo que los conceptos tomados de la primera a modo de explicaciones por parte de Freud, no fueron traspuestos sin más para llenar las obvias lagunas iniciales de su edificio teórico. En tal sentido el propio Freud insistirá en que todo estaba en discusión y que los conceptos vertidos no eran más que herramientas siempre prontas a ser revisadas. En otras palabras, el fundador del psicoanálisis consideraba que la psique era de otra pasta, de otra materia, que más allá de las aproximaciones que le permitiera la biología, requería de otro discurso que diera cuenta de él. Así, el último trabajo “biológico” de Freud, el Entwurf, fue archivado sin más por su autor y jamás publicado en vida del mismo. Sin embargo, Freud apeló a lo largo de toda su obra a conceptos biológicos especialmente los derivados de las teorías de la evolución. Las continuas referencias a lo innato, a lo adquirido, a la filogénesis son prueba de ello.

Asimilar la especie humana a modelos animales en cuanto a su funcionamiento global tiene como causa primera el acuerdo de que existe una teoría de la evolución. Si las especies están relacionadas unas con otras, es lógico pensar que comparten mecanismos de funcionamientos comunes lo que habilita a la realización de modelos experimentales animales para luego extrapolar a lo humano los hallazgos realizados. Esta vía es el que habilitó el espectacular avance de la medicina a partir del siglo XIX y es el sesgo seguido por la psiquiatría y psicologías experimentales. Pero también una teoría evolutiva habilita a pensar que, aun habiendo rasgos comunes, existen otros que separan las distintas especies. De esta manera existirán rasgos que son específicamente humanos y la psique humana y su particular relación con el lenguaje es uno de ellos. Freud no realizó modelos experimentales sino que para dar cuenta de lo observado en sus históricas abrió un nuevo campo: el psicoanálisis.

Siendo un atento lector de Darwin, Lamarck y Haeckel intentó acercarlos al mismo en particular para explicar temas concernientes al desarrollo del aparato psíquico,



el cual en su concepto, estaba indisolublemente ligado a lo orgánico. De esta manera lo psíquico era un nivel de organización que requería de una ciencia que diera cuenta del mismo, de igual forma que diferentes aspectos de la Naturaleza buscan ser comprendidos por disciplinas específicas.

Freud fue consecuente con lo largo de su obra con el pensamiento de Lamarck, autor de lo que podríamos llamar la primera teoría moderna de la evolución aunque al momento de la producción de aquel, la misma ya no era aceptada como una teoría explicativa válida que diera cuenta del transformismo. Sin embargo, aun así no dejó de tener un eco permanente en la obra freudiana.

¿Por qué Freud, siendo un gran conocedor de la ciencia de su tiempo y un convencido darwinista guardó fidelidad a Lamarck? Esto no ha dejado de interrogarnos.

En una carta a Abraham, fechada el 11 de noviembre de 1917, establece: “¿Nunca te hablé de la idea de Lamarck? La misma se nos ocurrió a Ferenczi y a mí, pero ninguno de nosotros hemos tenido el tiempo ni el coraje de tocarla. Nuestra intención sería la de hacer venir a Lamarck a nuestro terreno y de mostrar que su “necesidad” que crea y transforma los órganos, no es más que la fuerza ejercida por la representación inconsciente sobre el cuerpo propio, de los cuales vemos los vestigios en la histeria y en la omnipotencia de los pensamientos (...)” [1]. Agrega además, que las ideas de Lamarck serían la “piedra angular” del psicoanálisis para dar cuenta de la adaptación biológica desde ese punto de vista, e inclusive sería el fundamento del mismo psicoanálisis.

¿Cual es entonces la relación del pensamiento lamarckiano con esta etapa del pensamiento de Freud?

J. B de Monet, caballero de Lamarck, nació en 1744 y falleció en 1829. Era catedrático de Ciencias Naturales de los Invertebrados del Museo de Historia Natural de París. El nombre de su obra principal, la Filosofía Zoológica, ya indica, al decir de Gilson (1976), la naturaleza de la misma, siendo un texto francamente diferente a cualquier otro escrito científico del siglo XIX. En lo concreto establecía que las especies, tanto animales como vegetales, no tenían un carácter fijo: En palabras de Lamarck: “Se ha llamado especie a toda una serie de individuos parecidos que han sido producidos por otros individuos parecidos a ellos” [2] Este autor constata además, que las especies han cambiado de carácter y forma con el paso del tiempo y elabora una explicación de cómo dicha transformación ocurre. Designa así la especie como aquel conjunto de “individuos parecidos que la generación perpetúa en el mismo estado mientras no cambien las circunstancias de su situación lo suficiente como para hacer variar sus costumbres, su carácter y su forma” [3].

Para Lamarck, no es el medio quien determina los cambios de los organismos sino el empuje interno que actúa permanentemente en los mismos. El medio no actúa de manera directa sobre el organismo a la manera estímulo-respuesta sino que este se modifica a sí mismo como forma de adaptarse al entorno, Da como prueba de ello el hecho de que diferentes especies que se enfrentan a los mismos estímulos ambientales responden con estrategias diferentes.

Gilson (1976) establece que la doctrina lamarckiana se sitúa en la relación entre necesidad y costumbre. Y prosigue Lamarck: “Toda nueva necesidad que precise de nuevos actos para ser satisfecha exige del animal (...) ya el empleo más frecuente de alguna de sus partes que antes utilizaba poco, la que desarrolla y acrecienta considerablemente, ya el empleo de nuevas partes que la necesidad hace nacer insensiblemente en él por medio de esfuerzos de su sensibilidad interior...”[4]. En la lectura que Cuvier hace de Lamarck expresa: “No son los órganos, es decir la naturaleza y la forma de las partes, lo que da lugar a las costumbres, son las costumbres, la manera de vivir, lo que con el tiempo, hace nacer los órganos; salen membranas en los pies de los pájaros acuáticos a fuerza de querer nadar” [5].

Así determinará que lo adquirido o perdido por los individuos de acuerdo a las circunstancias es conservado en los nuevos individuos. Esto es en otras palabras, el rasgo más conocido de la teoría lamarckiana: la herencia de los caracteres adquiridos. A partir de este pensamiento posteriormente Haeckel enunciará su célebre principio La ontogenia recapitula la filogenia, principio totalmente lamarckiano y omnipresente en la obra freudiana.

Gilson (1976) hace el señalamiento de que la Filosofía Zoológica está plagada de expresiones tales como “la naturaleza ha querido, la naturaleza se ha visto obligada, la naturaleza ha necesitado”. ¿Lamarck no está atribuyendo a la naturaleza características que son las del sujeto, materialidades con las que se enfrenta el psicoanálisis en su diario devenir? ¿No está aquí el primordio de lo que posteriormente Freud definirá como pulsión? Nuestro autor piensa la naturaleza de la misma como un estímulo independiente del medio externo que actúa de forma continua, a la manera de la necesidad interna postulada por Lamarck. Llegará a decir en Pulsiones y destinos de pulsión que “...tenemos derecho a inferir que ellas, las pulsiones, y no los estímulos exteriores, son los genuinos motores de los progresos que han llevado al sistema nervioso (cuya productividad es infinita) a su actual nivel de desarrollo.” [6]

Debemos situar el contexto de los interrogantes de Freud, en momentos que envía la citada carta a Abraham. Estamos en la época de la Primera Guerra Mundial y es el momento en que escribe sus Conferencias de Introducción al Psicoanálisis. En ellas realiza una puesta al día de sus hallazgos y si bien sostiene en el prólogo a las mismas que en ellas no se encontrará nada nuevo, éstas presentan ya embriones del pensamiento que será expuesto pocos años después en Mas allá del principio del placer.

En esta época varios hechos comienzan a interrogar a Freud. Por un lado el problema de la agresividad humana, la absurda destrucción de vidas en la guerra, la sintomatología observada en las neurosis de guerra y los sueños postraumáticos, lo que lo llevan a comenzar a bosquejar la idea de una compulsión a la repetición. Allí Lamarck hablaría de una costumbre o hábito. Al efecto Freud establece en la 18ª Conferencia: "Estos enfermos repiten regularmente en sus sueños la situación traumática; cuando se presentan ataques histeriformes, que admiten un análisis, se averigua que el ataque responde a un traslado total a esa situación"[7]. Asimismo, la repetición de situaciones pasadas queda establecida en su 27ª conferencia, donde, hablando de la transferencia,

consigna que los pacientes "...repiten lo que a él le ocurrió una vez con anterioridad" [8]. Estas y otras ideas conducirán a Freud a introducir el concepto de pulsión de muerte vinculada a la compulsión a la repetición.

Nuestro autor establece: "En nuestros juicios sobre los dos desarrollos, el del yo y el de la libido, tenemos que dar precedencia a un punto de vista que hasta ahora no se ha apreciado muy a menudo. Helo aquí: ambos son en el fondo heredados, unas repeticiones abreviadas de la evolución que la humanidad toda ha recorrido desde sus épocas originarias y por lapsos prolongadísimos. En el desarrollo libidinal, creo yo, se ve sin más este origen filogenético...Ahora bien, en el hombre el punto de vista filogenético está velado en parte por la circunstancia de que algo en el fondo heredado es, empero, vuelto a adquirir en el desarrollo individual, probablemente porque todavía persiste, e influye sobre cada individuo, la misma situación que en su época impuso la adquisición. Yo diría que en ese tiempo obró como una creación, y ahora actúa como un llamado (...) Pero el poder que ha forzado en la humanidad tal desarrollo, y que aún hoy conserva su presión en el mismo sentido, es uno que ya conocemos: de nuevo, la frustración dictada por la realidad o, si queremos darle su gran nombre, su nombre justo, el apremio de la vida..."[9].

Las explicaciones filogenéticas de Freud, obviamente no estaban basadas en conocimientos de los que disponemos hoy en día sobre la herencia a través de los avances de la genética y que habilitaron a la formulación de la llamada teoría sintética de la evolución. Hasta el advenimiento de esta última, los mecanismos hereditarios propuestos no dejaron de ser especulaciones individuales de cada uno de los científicos. Lamarck, muy anterior a Mendel, eligió la suya. Este autor tomó como modelo explicativo algo de lo que inconscientemente leyó en lo humano. En su concepción de la naturaleza escuchamos algo del sujeto: sus necesidades, sus quereres donde leemos algo del deseo, sus costumbres donde podemos ver una alusión a la compulsión a la repetición y más modernamente a lo que consideramos como goce. En la autotransformación de las especies frente a las condiciones del medio, Freud leyó los cambios producidos por eso interno que llama el apremio por la vida.

Freud, en el intento de traer a Lamarck a su terreno, cree haber hallado la explicación de la "necesidad" a que hace referencia Lamarck en la fuerza o pujanza total de las representaciones inconscientes. Aquí Freud corrige las interpretaciones posteriores de la obra de Lamarck. En este sentido, Eiseley (1978), establece que Lamarck ha sido mal interpretado debido a una cierta oscuridad de estilo propio y a la realización de malas traducciones sobre su obra. De esta manera se ha llegado a suponer que un deseo constante y consciente de un organismo lograba el desarrollo de un órgano o la modificación corporal necesaria. Este autor interpreta entonces que el esfuerzo para ajustarse a las exigencias del medio es inconsciente. Sosteniendo este punto de vista, Eiseley historiador contemporáneo de la teoría de la evolución, acordaría con la lectura freudiana.

Para finalizar debemos traer la pregunta ya realizada por otros autores (Dominguez, 2013) acerca de si Freud era más lamarckiano que darwiniano.

Consideramos también que la misma debe ser respondida afirmativamente. El mecanismo de evolución de Lamarck se ajustaba más adecuadamente a los descubrimientos freudianos acerca del desarrollo de la vida psíquica. Freud lo consigna explícitamente al final de su obra en Moisés y la religión monoteísta donde hablando de las huellas mnémicas o la tradición de los pueblos insiste en la necesidad explicativa del principio ontogenético, en contra de lo que establecía la ciencia oficial de ese momento, adversa a explicaciones genéticas en tanto herencia a través de caracteres adquiridos. Freud fue precavido. Citó abundantemente Darwin a lo largo de su obra y no a Lamarck, quedando este para su correspondencia privada. No tuvo “el tiempo ni el coraje de tocarla” como lo establece en su carta. De todas maneras se reivindica claramente en el Moisés donde dice que no encuentra una explicación mejor para dar cuenta de lo observado en el desarrollo del aparato psíquico y tener así un apoyo biológico favorable al psicoanálisis. De haberlo hecho abiertamente nombrándose lamarckiano, su teoría ya difícil de por sí de ser reconocida como una nueva ciencia, hubiera naufragado desde sus orígenes. La solución de compromiso fue el hincapié que hizo en la obra de Haeckel, darwinista convencido casi fanático, pero con una gran base lamarckiana.

Lejos estamos aun de los aportes lacanianos, en el sentido de que Lacan con otras herramientas teóricas, pudo hacer otro tipo de aproximaciones al introducir desde la lingüística la teoría del significante dejando así de lado explicaciones biologicistas evolutivas. Para Lacan, según expresa en su seminario El objeto del Psicoanálisis el 1 de diciembre de 1965, es a la manera del significante como se manifiesta lo que ha de moverse en la naturaleza, moviéndose todo allí según las relaciones en que se estructura un lenguaje. Creemos ser fieles al pensamiento laciano si decimos que la Naturaleza está estructurada como un lenguaje. Esta es también la opinión de algunos científicos provenientes de la Física (Méndez Galain, 1995). El lenguaje siempre estuvo ahí. En palabras de San Juan: En el principio era el Verbo, concepto éste que podemos llamar fijista, contrario a una concepción biológica evolucionista. Y el inconsciente está estructurado como un lenguaje. Y para nuestra sorpresa modernos trabajos de neurobiólogos a quienes el pensamiento freudiano no les es indiferente, hablan ya de inconsciente genómico que a partir del ADN se despliega como factor interno que determina la vida y en lo humano específicamente habilita la formación de la cultura. Siguen siendo las palabras lo que unos nos prestamos a otros para morder ese real que es la Naturaleza.

## Notas

1- En: Schur, M. La mort dans la vie de Freud. Gallimard. 1975. Pag.375. La traducción es nuestra.

2- En: Gilson, E. De Aristóteles a Darwin (y vuelta). EUNSA. 1976. Pag. 101.

3- Ibid. Pag. 104.

4- Ibid. Pag. 106.

5- Ibid. Pag. 108.

6- En: Freud, S. Pulsiones y destinos de pulsión. En Sigmund Freud. Obras completas. Tomo XIV. Pag. 116.

7- En: Freud, S. 18ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. La fijación al trauma, lo inconsciente. En Sigmund Freud. Obras Completas. Tomo XVI. Amorrortu Eds. 1987. Pag. 251.

8- En: 27ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. La transferencia. Ibid. Pag. 403.

9- En: 22ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. Ibid. Pags: 322-323.

### **Bibliografía consultada**

-Damasio, A. L'Autre Moi-Même. Odile Jacob, 2012.

-Dominguez, G. Freud y su relación con la biología, entre Darwin y Lamarck. En: V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XX jornadas de investigación. Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología de MERCOSUR. Buenos Aires, 2013.

- Eiseley, L. El siglo de Darwin. Editores Asociados S.A. México, 1978.

- Freud, S. 18ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. La fijación al trauma, lo inconsciente. En: Sigmund Freud. Obras Completas. Tomo XVI. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 1987.

- Freud, S. 22ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. En: Sigmund Freud. Obras Completas. Tomo XVI. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 1987.

- Freud, S. 26ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. La teoría de la libido y el narcisismo. En: Sigmund Freud. Obras Completas. Tomo XVI. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 1987.

- Freud, S. 27ª Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. La transferencia. En: Sigmund Freud. Obras Completas. Tomo XVI. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 1987.

-Freud, S. Pulsiones y destinos de pulsión. En Sigmund Freud. Obras completas. Tomo XIV. Amorrortu Editores. Buenos Aires. 1986.

-Freud, S. Moisés y la religión monoteísta. En Sigmund Freud. Obras completas. Tomo XXIII. Amorrortu Editores. Buenos Aires. 1993.

- Gilson, E. De Aristóteles a Darwin (y vuelta). EUNSA. Madrid, 1976.

- Lacan, J. Seminario 13. El Objeto del Psicoanálisis. (No publicado).
- Maleval, J.C. La forclusión del Nombre del Padre. Paidós. Buenos Aires, 2002.
- Méndez Galain, R. Del Big-Bang a la célula: ¿cómo se estructuró la materia? En: Vida y Cosmos. Nuevas Reflexiones. Julio Fernandez y Eduardo Mizraji Eds. Ediciones Universitarias de Ciencias (EDUDECI). Montevideo, 1995.
- Schur, M. La mort dans la vie de Freud. Gallimard. Paris, 1975.



## JOYCE É LOUCO?<sup>12</sup>

Donaldo Schüller

Agradeço o convite para este encontro da Biblioteca Freudiana de Porto Alegre. Nas próximas semanas deve sair um livro meu com o título, *Joyce era louco?* Desculpem a fala informal, saliento alguns tópicos do que escrevi.

Erasmo de Rotterdam enaltece, em *O Elogio da Loucura (Encomium Moriae)*, a loucura dos artistas, contra deformações de loucura espúria, filha do prazer e do amor livre. Esquirol, o primeiro dos psiquiatras, elenca, no início do século XIX, peculiaridades de maníacos: sensibilidades, ilusões, exaltação, rupturas, ideias soltas, fugazes. Para Diderot, sem um grão de loucura grandes inteligências não há.

Atraído pelos artistas de seu tempo: Breton, Beckett, Fellini, Oshima..., Lacan acompanha atentamente a expressão artística desde princípios do século XX, os movimentos de vanguarda. Em sua tese de doutorado, *De la psychose paranoïque dans ses rapports avec la personnalité*, de 1932, que foi recebida com aplauso, Lacan trata positivamente o movimento surrealista, a loucura criativa preocupa Lacan durante toda a sua obra.

Costuma-se estabelecer fases do pensamento de Lacan. Agora vejam, em 1975, quando ele dá seu Seminário sobre Joyce, em Paris, tarefa de um ano, Lacan faz referência a uma paciente de outros tempos, Marcelle C., de 34 anos, professora primária, internada há um ano numa clínica. Lacan aborda o caso Marcelle num artigo, assinado por ele ao lado de dois colegas, sob o título *“Écrits inspirés”: schizographie*, publicado em 1931 em *Les Annales Médico-Psychologiques*. Marcelle, rebelde, sedenta de liberdade, megalomaniaca, sabe manter conversa coerente. Instabilidade emocional, delírios de grandeza e de perseguição determinaram a internação. Em cartas dirigidas ao pai, aos médicos, ao presidente da república, a paciente escreve, tangida por inspirações, verdades de ordem superior. Marcelle, Joana d’Arc rediviva, “mais instruída”, “de nível social superior”, na opinião dela, empenha-se em orientar governantes, em regenerar costumes. Nos escritos dela abundam deslocamentos semânticos, infrações gramaticais, elisões silábicas, omissão de conjunções, assonâncias, neologismos, conjuntos rítmicos, lembrança de clássicos. Malabarismos de Marcelle lembram invenções surrealistas de Breton e Eluard, observa Lacan. Veja-se este torneio: *l’âme est lasse* (a alma é lassa) – *la mélace* (melaço). A diferença gráfica sustenta a identidade fonética, o mesmo fenômeno auditivo multiplica-se na transcrição. Ensaie mos construção similar em português: *melaço* – *me laço*. Expressões foneticamente iguais, diferentes na grafia, abundam na sintaxe de Joyce. Lacan sublinha nos textos de Marcelle achados de notável valor poético

<sup>12</sup> Texto estabelecido por Maristela Leivas, a partir de uma gravação magnetofônica. Revisado pelo autor.

(*remarquable valeur poétique*). A mesma fonte abastece esquizofrênicos, parafrênicos, neuróticos, poetas, escritores. A psicóticos não falta nada, acentua Lacan, a neuróticos inventivos falta tudo, estes estilhaçam a ordem opressiva em busca de realidades sonhadas, imprevistas, impossíveis. Surrealistas levaram a insubordinação a extremos.

Lacan, já maduro, pratica a sério jogos lidos em textos de Marcelle: *Qu'on dit ment* (o que se diz mente), frase foneticamente igual ao substantivo *condiment* (condimento). O psicanalista pratica a diversificação gráfica desde as primeiras linhas do Livro 23 de *Le Séminaire*. A escrita não se limita a registrar sons, como queria Saussure, a escrita sustenta significações.

Aimée, outra paciente de Lacan, ocupa parte extensa de sua tese de doutorado. Aimée é uma romancista que manda textos dela para o príncipe da Inglaterra, a biografia dela é abundante em incidentes. Aimée sai uma noite e encontra uma atriz, uma das mais conhecidas de Paris, aborda a atriz e a golpeia com uma faca. Lacan diz que esse golpe foi um golpe contra si própria. Megalomaníaca, Amée pune-se a si mesma, golpeia os seus próprios insucessos. Ao analisar a vida e a obra de Joyce, Lacan dedica o Seminário 23 a Joyce, ele envereda para a criação literária, o seminário 23 é uma investigação da invenção literária. A teoria difere de Freud. No estudo sobre sobre Leonardo da Vinci, entende a obra artística como resultado de pulsões suxuais não satisfeitas.

O que dizer do fenômeno Joyce? Lacan lembra *Um retrato do artista quando jovem*. A obra é autobiográfica. Joyce relata que, quando interno no *Trinity College* de Dublin, num passeio noturno, foi abordado por colegas que lhe deram uma surra. Ao contrário do que seria de se esperar, em lugar de sentir revolta, ele experimentou alívio, foi como se ele saísse de uma casca. A casca representa o corpo (o conflito com a pai, a rígida formação jesuítica). Joyce perde um corpo e, ao escrever, passa a produzir outro corpo.

Preocupado com a criação, Lacan, no Seminário 23, retorna ao Gênesis, o primeiro livro da Bíblia. Lacan não vê novidade na adâmica nomeação dos animais. Adão não fez mais do que imitar o Criador. De Eva temos a primeira linguagem inventiva. A linguagem espontânea, criadora, é da mulher. Lacan desce, começando por reflexões divinas, à terra. O conflito humano começa com o Chefe da horda primitiva. Morto o pai, imagem do chefe da horda, resta a linguagem autoritária, o nome do pai. A autoridade se quebra em linguagens, os nomes dos pais, as múltiplas autoridades que concorrem na nossa formação. Dos pais do nome, Lacan chega ao pai dos nomes, aquele que, no impulso da criatividade materna, reinventa a linguagem, o escritor, James Joyce.

Um mesmo fenômeno sonoro parte-se em *symptôme* e *sinthome*. O psicanalista vê em *sinthome*, mais do que uma grafia de outros tempos, percebe nela a ressonância de outras vozes: *homme, saint, sinthomadaquin, sin, sint'home rule, sinthome roule*, base de longas considerações. Palavras impostas acavalam-se na escrita, partem-se, associam-se sem respeitar fronteiras temporais, sistêmicas, linguísticas. Lacan examina-as atentamente, apalpa-lhes a densidade. A sonoridade estranha lhe vale mais do que o jogo dos conceitos.



A grafia antiga, como o balbuciar das crianças, alimenta elaboradas reflexões. Falar e escrever é agir, o homem é fala-ser, fala e escrita seccionam, sexo é produto.

Qual é a diferença do *symptôme* (sintoma) e *sinthome* (sinthoma). A heresia (*sinthome*) se levanta contra a regra, contra o estabelecido (*sintoma*). Para seguirmos a argumentação de Lacan, em lugar de *sintoma*, deveríamos dizer *symptoma* – *symptôme* – grafia helenizada, expressão da cultura, da opressão, do controle, exclusão. Adversário e autor do sintoma (*symptoma*) ergue-se o *sinthoma*; rebelado contra sintomas, sistemas, sanções, o sinthoma singulariza-se na santidade herética, na invenção. Lacan funde, em *sinthoma*, São Tomás de Aquino, homem, *sin* (pecado), *Sinn* (sentido). O *sinthoma* localiza-se na passagem do humo ao homo. *Sinthoma* é santidade escondida no real, vontade de poder, de artificar, de humanizar, de dizer, sem travas, sem trevas, sem rei, sem lei. A vontade de fazer se desvenda como habilidade, como saber fazer. O sujeito demanda o outro, o suposto saber, esse movimento não leva a um saber já constituído, mas a um saber fazer, um saber que é sabor, que é fazer, produzir, movimento angustiado, propelido na autonomia da escrita. O real, o indizível, o humo, alimenta o *sinthoma*. A construção do sentido (*Sinn*) acontece no simbólico, lugar em que floresce o sintoma. O real ameaça o sentido, sacode o simbólico. O não-sentido antecede o sentido, subverte o sentido, entra sorratamente no sentido para que a nomeação herética se robusteça, para que a invenção literária aconteça. A força que vem do real faz o sinthoma andar, proliferar (*déplacer le sinthome... le multiplier*). O sinthoma gera o sintoma, abala o sintoma, opera no sintoma, é a vida do sintoma, o que permite dizer *sint(h)oma*. Tomemos *sinthomadaquin*: *sinthomasdaquino* (São Tomás, mas de Aquino). O andar errante; herético, manda ir além de Aquino, localidade do Lácio, donde procede São Tomás. O sinthoma comparece na enunciação, na invenção, produção expandida além de limites previsíveis, inalcançável. A claridade (*claritas*) está no vigor, no colorido das palavras e das cores, no fluir sem fim tanto da variedade joyciana quanto de quaisquer textos inventivos. É na efervescência do real, no emergir de palavras, no florescer do ser, que a *claritas* esplende, esplendor da santidade (epifania), força que irriga raízes. Lacan assiste ao espetáculo, pratica-o. A santidade espanta Joyce, Joyce espanta Lacan. O espanto, ao afrontar as fronteiras de Aquino, fulgura em Dublin, cidade de Joyce. A distância no tempo e no espaço renova o ato criador. A inventividade joyciana traduz os sentimentos políticos irlandeses, a luta pela liberdade, a vontade de transformar, de provocar o existir autônomo. Contra a opressão, onde quer que ela se manifeste, a invenção. De Aquino a Dublin, de Dublin a Paris, inventividade, proliferação, eleição, heresia. Lacan, adversário de mentes petrificadas, de sequazes medíocres afundados na terminologia de Freud, progride, iluminado por Joyce, no contínuo reexame de conceitos, na produção verbal, na heresia.

O sintoma tranca, o sinthoma é rebelde, liberta. Joyce investe contra a língua, contra a gramática, contra a cultura, Joyce rompe tudo, sem perder absolutamente nada, Joyce inventa, os significantes de Joyce levam a muitas significações.

Estaria aí o buraco (*agujero*), responsável pela *incomunicação*? Buraco que leva ao real sem sentido, buraco que provoca o conflito do sentido com o sem sentido. O esforço de nomear denuncia o que não é nomeável o que não tem nome. Sintomas congelados imobilizam, o sinthoma agride para restaurar a vida, para provocar o advento do novo.

No *Seminário 23*, consciente e inconsciente não se distinguem, já que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, o simbólico invade o inconsciente, absorve e elabora sentidos vagos, escondidos, nascentes. O real perturba clarezas da linguagem, provoca o advento de sonoridades, reinvenções. Desviando os olhos do Outro, Lacan volta-se ao real, aos semblantes que revestem o real.

O significa fazer a biografia de um escritor? A obra é o corpo de quem escrever, a obra é sua biografia. o que os outros vêem em mim, para o bem ou para o mal, foi construído por mim, continuo a construir. Abando corpos sígnicos, verbais para inventar outros corpos, toda destruição vincula-se á construção.

A cultura mata quando anula o sujeito. O sujeito irrompe no buraco, o sujeito rompe a cultura para aparecer.

Em síntese, sobre Joyce é isso!

Comentários:

LOTS: - Sempre se fala muito nessa passagem de *O Retrato do Artista quando Jovem*, da sova, da paliza, em espanhol. Um colega de Buenos Aires, que se chama Jorge Baños Orellana, em uma visita à Biblioteca do Dr. Lacan, encontrou esta parte sublinhada, tal qual esta passagem, num livro sobre a juventude de Rousseau, como se ele, Rousseau, se não me confundo, tivesse vivido uma situação assim no passado. Não seria uma experiência pessoal dele Joyce, e sim uma experiência recolhida de outro lugar, e conta como se fosse dele, mas enfim não importa...

E a outra coisa é sobre isso que ele toma do quarto nó, como aquele que ajuda a manter o enodamento, ajuda a manter por certo tempo, depois fracassa...

DONALDO: - Pois é, o que se rompe? Rompe-se aquela coisa matemática do Simbólico, do Imaginário e do Real. Para criar importa romper o laço do nó, e aí ele cria o quarto nó ...

LOTS: - A questão então, não é tanto, se é loucura ou se não é loucura, seria, o que fazer com a loucura?

DONALDO: - Não há dúvida, isso é muito importante, por que ele acentua o *savoir faire*, o saber fazer com a loucura. Pois bem, temos uma diferença entre a loucura patológica e uma loucura criativa. As pacientes de Lacan não sabiam fazer, Lacan sabe fazer, mas agora como ensinar saber fazer? Isso não é ensinável, não tem nada a ver com o ensino didático. Se algum de nós soubesse como fazer, ensinaria a fazer arte, a arte não se ensina, então, arte é invenção.

RICARDO LANDEIRA: - Isso está muito bem, porque não se trata somente na criação do desejo, é importante sustentar o desejo. E na clínica, aquele que leva a seus analisantes a sustentar o desejo é aquele que fez o rompimento, senão não é possível. Não é saber qual é o desejo, depois tem que sustentar o desejo.

DONALDO: - Muito bem, então a função da psicanálise é enlouquecer, em primeiro lugar. (risos) O que é o louco? Aquele que quebra as regras. Em segundo lugar, levar o sujeito a *saber fazer com* essa loucura.

Pois, a outra pergunta é: Joyce é analisável? Lacan diz que não. Analisar o quê? Pois o fim da análise é a atividade de Joyce.

RICARDO LANDEIRA: - Não era preciso analisá-lo por que ele estava ali na criação, Lacan diz que ele não queria saber nada de psicanálise.

MOSCA: - Na conferência que Lacan fez sobre Joyce na Sorbonne, 1975, ele diz não que Joyce não era analisável, senão que ele não teria nada de bom. E *a posteriori*, no Seminário 24, ele diz que na obra de Joyce está o sem sentido e que a psicanálise pretende uma abertura ao sem sentido, vemos por aí é o que produzia com essa destruição. Por outro lado, é interessante o que dizemos, que a biografia de um escritor é sua obra, Lacan dizia que sua psicanálise era seu Seminário.

DONALDO: - Agora tem o seguinte, pretender escrever uma biografia de um criador é tautológico, pretender escrever uma biografia é escrever a partir de uma escrita, sobre uma escrita, não sai do problema, a escrita...

RICARDO: - Agora eu agregaria algo que venho escutando nos distintos trabalhos: toda grande obra está à espera de alguém que a leia para rompê-la. Por que Freud não recebe a Lamarck, ele recebe Heckel, no tempo que Heckel o escreveu. A Divina Comédia, a conhecemos através dos comentários de Benedetto Croce, Don Quixote...Freud precisou depois de um tempo de alguém que o lesse, o lesse rompendo-o, é o único modo de manter aquilo que é a verdadeira criação, por que senão se inunda de sentido. E me parece que a obra de Joyce espera alguém que a leia rompendo-a.

DONALDO: - Sim, perfeitamente. É o mesmo que pensar a cultura, a cultura está aí para ser rompida, passa a ser significativa a partir de sua destruição.



## FREUD E A LITERATURA

Lucélia Santos Stahelin

“Que a prática da letra venha a convergir com o uso do inconsciente, é apenas o que gostaria de testemunhar ao render-lhe homenagem. ... Reconheço isto no deslumbramento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras evidencia saber sem mim aquilo que eu ensino”

(LACAN)

“Não me interessa quando Lacan diz: ‘Ela sabe, essa mulher sabe ...’ Não sei qual é sua frase ... É uma palavra de homem, de mestre ...É até mesmo uma palavra de homem de poder, é evidente. A referência é ele. ‘O que eu ensino, ela, essa mulherzinha, sabe. É uma homenagem enorme, mas é uma homenagem que repercute nele. Ele poderia dizer: que é ensinado em geral, ela o sabe de imediato, mas é o que eu ensino que importa.”

(MARGUERITE DURAS)

A primeira obra de literatura que Freud analisou para ser publicada foi a *Gradiva*, de Jensen, em 1906, mas sabemos que as referências e mesmo recursos a obras literárias aparecem desde os textos fundadores da psicanálise. Já na sua *Traumdeutung*, considerada a obra inaugural da psicanálise, ele se dedica ao Édipo Rei, de Sófocles e ao Hamlet, de Shakespeare<sup>13</sup>. A relação com a literatura, a partir daí, vai perpassar toda a sua obra.

Em “Resposta a um questionário sobre a leitura”, de 1906, atendendo a um pedido do seu editor, Hugo Heller, Freud fornece a conhecida relação de dez bons livros, que lhe vieram à mente sem muita reflexão:

- 1- Multatuli,<sup>14</sup> *Cartas e Obras*.
- 2- Kipling, *Jungle Book*.
- 3- Anatole France, *Sur la pierre blanche*.

---

<sup>13</sup> Freud. A interpretação dos Sonhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas. Rio de Janeiro: Imago, [1906] 1986, vol. IV, p. 278-82.

<sup>14</sup> Como era chamado o ensaísta e romancista holandês Eduard Douwes Dekker

- 4- Zola, *Fécondité*.
- 5- Merezhkovsky, *Leonardo da Vinci*.
- 6- G. Keller, *Leute von Seldnyla* (*Pessoas de Seldnyla*).
- 7- C.F. Meyer, *Huttens letzte Tage* (*Os últimos dias de Hutten*).
- 8- Macaulay, *Essays*.
- 9- Gomperz, *Griechische Denker* (*Pensadores gregos*).
- 10- Mark Twain, *Sketches*<sup>15</sup> (*Esboços*).

Freud diz que mesmo a ele essa lista parece estranha, mas respondeu de acordo com o adjetivo *bons*, que definia o, e compara os bons livros aos bons amigos, a quem devemos parte do nosso conhecimento da vida e da nossa visão do mundo.

Acho importante também destacar a resposta que ele dá ao que não lhe pediram: *Não me solicitaram os dez mais esplêndidos livros (da literatura mundial), quando eu seria obrigado a responder como tantos outros: Homero, as tragédias de Sófocles, o Fausto de Goethe, o Hamlet e o Macbeth de Shakespeare, etc. Nem me pediram os dez livros mais significativos, entre os quais teriam de ser incluídas as realizações científicas de Copérnico, do velho médico Johann Weier sobre a crença nas bruxas, A Descendência do Homem de Darwin, e outros. Nem falaram em livros favoritos, entre os quais eu não teria esquecido O Paraíso Perdido de Milton e o Lázaro, de Heine.*<sup>16</sup>

Além desses autores mencionados naquela carta, temos ainda Ibsen, Boccacio, Bernard Shaw, Dostoiévski, Thomas Mann, Stefan Zweig, Cervantes, por quem ele até se arriscou a aprender espanhol, Molière, Hesíodo, Arthur Schnitzler, Flaubert, e muitos outros. A lista dos autores citados por Freud ao longo de sua obra é imensa. A maioria dos escritores preferidos dele, o eram, como diz Peter Gay (p. 165), *por serem talentosos psicólogos amadores*. Entre estes, optei por trabalhar com o autor que, segundo a avaliação de Freud, só perde em talento e importância no mundo literário para Shakespeare: Feódor Dostoiévski, nascido em 1821 e morto em 1881 (um ano após a publicação da sua obra-prima *Os Irmãos Karamázovi*). Já na sua época, Dostoiévski era considerado pelos críticos um brilhante psicólogo amador, mas o título não lhe agradava: “Chamam-me psicólogo; não é verdade, sou apenas um realista no mais alto sentido, ou seja, retrato todas as profundezas da alma humana”.<sup>17</sup> Segundo Mikhail Bakhtin, Dostoiévski era um grande crítico da psicologia mecanicista da sua época. Nos seus romances costumava ironizar especialmente a psicologia forense, chamando-a de faca de dois gumes.

O ensaio de Freud intitulado *Dostoiévski e o Parricídio*, publicado em 1928, também foi escrito para atender a uma solicitação, desta vez dos editores de uma edição alemã da

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund.. Resposta a um questionário sobre a leitura. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas. Rio de Janeiro: Imago, [1906] 1986, volume IX, p. 252

<sup>16</sup> Ibidem, p.251

<sup>17</sup> 1 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.60.

obra de Dostoiévski, para servir de introdução ao volume d'*Os Irmãos Karamázovi*.<sup>18</sup> É surpreendente, nesse trabalho, a severidade com que Freud julga a vida pessoal, a neurose e a moral de Dostoiévski. Theodor Reik foi o primeiro a manifestar surpresa com esse julgamento, e a criticar também a arquitetura do ensaio, onde Freud insere ao final um conto de Stefan Zweig, cujo tema central é o vício do jogo, mas não explicita bem a relação do conto com o corpo do ensaio. Na carta escrita a Reik para agradecer e responder suas críticas, Freud diz ter escrito o ensaio com relutância, como um favor aos que o solicitaram. *Atualmente sempre escrevo com relutância*<sup>19</sup>, diz ele. Isso em 1929. Sabemos que ele escreve praticamente até o fim da vida, quando publica, em 1937, o seu *Análise finita e infinita*. Os biógrafos nos dão conta de que o momento da vida pessoal era delicado, mas isso não o impediu de continuar trabalhando como fazia desde sempre, relançando e reavaliando os conceitos psicanalíticos..

Ainda respondendo a Reik, ele diz:

*Você tem razão, também em desconfiar de que, a despeito de toda minha admiração pela intensidade e preeminência de Dostoiévski, de fato não gosto dele. Isso se deve a que minha paciência com as naturezas patológicas está exaurida na análise. Na arte e na vida não as tolero. Trata-se de traços caracterológicos que me são pessoais e não obrigam os outros.*<sup>20</sup>

O leitor mais desatento é capaz de perceber que há algo de muito pessoal na avaliação que Freud faz de Dostoiévski, o que ele confessa posteriormente na resposta às críticas de Reik. Mas falta de paciência com naturezas patológicas? Logo Freud? Impossível não ficar intrigado com o que em Dostoiévski, tanto o desagradou, apesar de ele ter reconhecido a qualidade artística do escritor. Lembrei-me da cena que Freud descreve em *O Estranho*: estava ele sozinho e confortavelmente sentado no trem quando de repente aparece um velho que lhe causou uma impressão bem desagradável. Em seguida ele percebe que o velho era a sua própria imagem refletida no espelho da porta que acabara de se abrir. Digo isso para colocar a questão: é o semelhante em Dostoiévski que incomoda Freud? Podemos fazer algumas suposições, mas dificilmente teremos uma resposta definitiva.

A morte do pai tem importância fundamental na vida e na obra de ambos. O pai de Dostoiévski foi assassinado quando o escritor ainda era muito jovem. Isso para Freud explicaria a sua neurose, pois seu desejo inconsciente da morte do pai foi realizado pelas mãos do assassino. As suas crises, histéricas e não epiléticas, seriam uma autopunição pelo desejo de morte do pai, bem como o resultado da identificação ao pai morto. Mais adiante voltaremos a essa questão. A morte do pai tem, em Freud, o efeito de fazê-lo

<sup>18</sup> Conforme nota do editor inglês das Obras Psicológicas Completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1927]1986, p. 203.

<sup>19</sup> Carta a Theodor Reik de 14 de abril de 1929. Apêndice de Dostoiévski e o parricídio. In: Obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1929]1986, p. 226.

<sup>20</sup> 3 Carta a Theodor Reik de 14 de abril de 1929. Apêndice de Dostoiévski e o parricídio. In: Obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1929]1986, p. 226.

escrever. Lacan diz que a Interpretação dos Sonhos é sua resposta à morte do pai, ou seja, está na origem da psicanálise.

Outro ponto em comum entre os dois: a morte de um filho. Dostoiévski perdeu um filho pequeno, o que, segundo seus biógrafos, o fez entrar num profundo e demorado período depressivo. Sobre a morte de Sofhie, em 1920, no período pós-guerra, Freud declara: *Durante anos estive preparado para a perda dos meus filhos<sup>21</sup>; agora, veio a de minha filha. Visto que sou o mais profundo descrente, não tenho ninguém a quem acusar e sei que não há nenhum lugar onde se possa apresentar uma acusação. No fundo tenho o sentimento de uma profunda ferida narcísica que não hei de superar.*<sup>22</sup> Anos mais tarde viria a sofrer ainda mais com a morte do neto Heinele, filho de Sofhie.

Porém, o mais importante, a meu ver, que há em comum entre ambos é a visão dualista do homem, o sujeito sempre dividido em instâncias conflitantes.

O homem de Dostoiévski é dividido entre um saber consciente e um saber não sabido, entre vozes interiores que divergem entre si. Por isso entendemos que, parafraseando Lacan em relação a Duras, Dostoiévski revelava saber sem Freud aquilo que Freud ensinaria. E esse saber se mostra principalmente em *Os Irmãos Karamázovi*, não apenas pelo seu conteúdo, onde o desejo de morte do pai é o fio condutor, mas principalmente pela forma do seu romance, onde ele constrói com maestria diálogos que dão conta da divisão do sujeito em relação a si mesmo e ao outro.

Para Mikhail Bakhtin Dostoiévski foi o criador do chamado romance polifônico. *A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski.*<sup>23</sup> Os heróis dostoiévskianos não são descritos como objetos segundo uma visão monológica do autor, mas como sujeitos de seu próprio discurso, personagens livres, *capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até rebelar-se contra ele*<sup>24</sup>

Mas Freud absteve-se de avaliar os dotes artísticos de Dostoiévski. Centrou-se nas outras facetas da sua personalidade: o neurótico, o moralista e o pecador ou criminoso. A escolha de material dos seus romances, onde vários dos heróis são criminosos fazem Freud supor que tendências ao crime estivessem presentes no próprio autor, que não se tornou efetivamente um criminoso devido à sua enorme capacidade de amar e a uma bondade por vezes exagerada. Além disso, as pulsões agressivas eram voltadas contra sua própria pessoa, encontrando sua expressão como masoquismo e sentimento de culpa. O enaltecimento do criminoso na obra de Dostoiévski certamente incomodava Freud, que tinha aversão aos criminosos e aos transgressores da lei de um modo geral. Ele diz que:

<sup>21</sup> Referindo-se aos filhos que lutaram na Primeira Guerra Mundial.

<sup>22</sup> Gay, Peter. Freud, uma vida para o nosso tempo. Companhia das letras. São Paulo, 1989. p.360

<sup>23</sup> BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 4.

<sup>24</sup> Ibid. p. 4

*Um criminoso, para Dostoiévski, é quase um Redentor, que tomou sobre si próprio a culpa que, em outro caso, deveria ter sido carregada pelos outros. Não há mais necessidade de que alguém mate, visto que ele já matou, e há que lhe ser grato; não fosse ele, ver-nos-íamos obrigados a matar. Isso não é apenas piedade bondosa, mas uma identificação com base em impulsos assassinos semelhantes.<sup>25</sup>*

A faceta moralista foi alvo da mais dura crítica de Freud, *pra quem só um homem que passou pelas profundezas do pecado pode atingir o mais alto cume da moralidade... Depois das mais violentas lutas para reconciliar as exigências pulsionais do indivíduo com as reivindicações da comunidade, veio a cair na posição retrógrada de submissão à autoridade temporal e à espiritual, de veneração pelo czar e pelo Deus dos cristãos, e de um estreito nacionalismo russo- posição a que mentes inferiores chegaram com menor esforço.<sup>26</sup>*

Quanto a faceta neurótica, Freud diz que: *Dostoiévski considerava-se epilético e era encarado como tal por outras pessoas, por causa de suas graves crises, acompanhadas por perda de consciência, convulsões musculares e depressão subsequente. Ora, é altamente provável que essa chamada epilepsia constituísse apenas um sintoma de sua neurose e devesse, por conseguinte, ser classificada como histeroepilepsia, ou seja, como histeria grave.<sup>27</sup>* As crises remontavam à infância do autor e Freud supôs que teriam adquirido maior gravidade após os dezoito anos, quando seu pai foi assassinado por servos que se rebelaram contra o seu despotismo. Freud suspeita que as crises tenham cessado durante o período em que Feódor esteve preso na Sibéria, condenado a trabalhos forçados por quatro anos, quando o auto-castigo teria se tornado desnecessário. Relatos do próprio Dostoiévski contradizem essa hipótese, mas Freud diz que *há motivos para desconfiar das afirmativas autobiográficas dos neuróticos. A experiência demonstra que suas lembranças introduzem falsificações destinadas a interromper vinculações causais desagradáveis.<sup>28</sup>*

As crises na infância de Feódor, ainda não tão graves, segundo Freud, *tinham a significação de morte; eram anunciadas por temor de morte e consistiam em estados sonolentos, letárgicos. A moléstia o acometeu pela primeira vez quando ainda menino, sob a forma de uma melancolia súbita e infundada, uma sensação, como mais tarde contou ao amigo Soloviev, de que iria morrer ali mesmo. E, na realidade, seguia-se um estado exatamente semelhante à morte real. Seu irmão Andriei conta que, mesmo quando ainda moço, Feódor costumava deixar pequenas anotações antes de dormir, dizendo que tinha medo de poder cair, durante a noite, num estado semelhante à morte; assim, implorava que seu enterro fosse adiado por cinco dias. (Fülöp-Miller e Eckstein, 1925, 1x).<sup>29</sup>* Essas crises significariam a identificação com um morto ou com alguém que se deseja que morra.

Por estranho que possa parecer o ensaio sobre Dostoiévski, aí Freud volta a tratar de temas importantes como os ataques histéricos, o masoquismo e o supereu por meio da análise da personalidade do autor russo.

<sup>25</sup> FREUD, op. cit., p.218-219.

<sup>26</sup> Dostoiévski e o parricídio. In: Obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1929]1986, vol. XXI.p. 205.

<sup>27</sup> Ibid. p. 207.

<sup>28</sup> Ibid. p. 210

<sup>29</sup> Ibid. p. 211



Freud faz aí uma espécie de psicobiografia, prática hoje criticada por muitos que se dedicam à relação entre a psicanálise e a literatura. Atualmente procura-se evitar a análise da obra com vistas ao diagnóstico e à psicologização do autor. Na relação entre psicanálise e literatura Rafael Andrés Villari defende que se busque *utilizar o texto literário no interesse da teoria psicanalítica. [...] Aquilo que nos parece poder ser questionado não é o texto literário a partir da Psicanálise, mas seu inverso, a Psicanálise a partir da Literatura. Esse posicionamento acarreta, através do texto literário, um questionamento do saber da Psicanálise, buscando nas palavras dos escritores aquilo que não alcançamos dizer.*<sup>30</sup>

No entanto, não podemos desconsiderar a posição de pioneiro de Freud. No seu processo de construção da psicanálise ele precisou estabelecer diversas formas de relação com a literatura, entre elas a psicobiografia. Como o próprio título do trabalho freudiano sobre Dostoiévski diz, trata-se de um ensaio, no seu duplo sentido, de uma relação que se inaugurava à época. A Freud o que era de Freud. Em outras palavras, ele tinha o direito de fazer, na qualidade de inventor, coisas que hoje não devemos. Além do que, não se trata de uma mera psicologização do escritor, mas de uma análise que visa o relançamento de conceitos psicanalíticos importantes. Lembremos que o texto é posterior ao *Mais além do princípio do prazer*, quando a pulsão de morte é conceituada a partir da clínica da compulsão à repetição, da reação terapêutica negativa e do supereu como moção maligna.

Se por um lado Freud foi muito cruel nas críticas que fez ao escritor, especialmente no que se refere à sua vida pessoal, por outro, não poupou elogios ao seu talento. Ele diz: *Os Irmãos Karamázovi é o mais grandioso romance jamais escrito; quanto ao episódio do Grande Inquisidor, um dos pontos culminantes da literatura mundial, dificilmente qualquer valorização será suficiente.* Mas dirá também que não cabe à psicanálise analisar os dotes artísticos de Dostoiévski, aos quais chama *inanalísáveis* e, por extensão, supomos, os de nenhum outro artista. *Diante do problema do artista criador, a análise, ai de nós, tem de depor suas armas*<sup>31</sup> - diz Freud.

A interpretação que Freud faz da pessoa de Dostoiévski, bem como da sua obra-prima é fundamentalmente edípiana. Ele afirma que: *Dificilmente pode dever-se ao acaso que três das obras-primas da literatura de todos os tempos — Édipo Rei, de Sófocles; Hamlet, de Shakespeare; e Os Irmãos Karamasovi, de Dostoiévski — tratem todas do mesmo assunto, o parricídio. Em todas três, ademais, o motivo para a ação, a rivalidade sexual por uma mulher, é posto a nu.*<sup>32</sup>

Ele compara ainda as diferentes formas de representação do parricídio nas três obras. Na tragédia grega a representação é mais direta, já que é o próprio herói quem comete o crime, ainda que sem consciência de que matava o próprio pai. Aliás, é justamente esse *não saber* que leva Freud a escolher a tragédia grega para nomear o

---

<sup>30</sup> VILLARI, 2002, p. 26-27.

<sup>31</sup> Dostoiévski e o parricídio. In: Obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1928]1986, p. 205.

<sup>32</sup> *ibid.* p.217

complexo de Édipo. Na peça inglesa a apresentação é indireta, já que não é o herói que comete o crime, mas outra pessoa. No romance russo o homicídio é cometido também por um outro, mas esse outro tem com o assassinado a mesma relação filial que o herói Dmitri. Freud ainda chama a atenção para o fato de Dostoiévski ter atribuído ao assassino *a sua própria doença, a suposta epilepsia, como se estivesse procurando confessar que o epilético, o neurótico nele próprio, era um parricida.*<sup>33</sup>

Freud toma a obra de Dostoiévski, ainda que manifeste admiração por ela, como um sintoma da sua neurose, marcada pelo fantasma do assassinato do pai. Se nas crises epiléticas que Freud neurotizou, Dostoiévski entregava-se ao gozo supereuóico do Outro, que o condenava pelo desejo de morte do pai, podemos nos perguntar se, ao escrever, era a esse gozo que ele obedecia. Tudo indica que esse gozo, após atingir seu auge através mecanismos autopunitivos, lhe dá uma trégua e lhe permite escrever. De acordo com relatos da última esposa do autor, os períodos de maior produção escrita aconteciam depois que ele perdia tudo no jogo e não tinha mais dinheiro para a própria subsistência. Ou seja, depois que a crueldade supereuóica estivesse momentaneamente saciada ele passava à escrita. Não queremos com isso dizer que não havia gozo na sua escrita, mas sim que se tratava de um gozo amenizado após o paroxismo autopunitivo ditado pelo supereu.

Para Freud, Dostoiévski nunca se liberou da hipoteca que o parricídio lhe fez contrair com sua consciência e a humanidade não teria por que lhe agradecer. Mas entendemos que com a sua obra, em especial a prima, ele não só saldou sua dívida como também tornou-se um inventor, e não foi apenas um realista como tantos outros. Criou heróis plurais e, ao mesmo tempo, únicos, que na fala uns aos outros revelam dividir o mesmo desejo: a morte do pai. Arte particular de um desejo universal.



---

<sup>33</sup> *ibid.* p.218

## A CULTURA, DO MAL-ESTAR À ESPERANÇA<sup>34</sup>

Juan Carlos Mosca

Hoje - nessa nova comemoração do *Freudtag* -, e junto com os amigos da Biblioteca Sigmund Freud, nesse ano que é também especial, devido à proximidade de um novo encontro Lacanoamericano no Rio de Janeiro, vamos abordar o tema da cultura sob a contribuição da psicanálise. Gostaria de falar hoje acerca de dois fenômenos de interesse atual: a segregação e o mal-estar.

A respeito da contribuição da psicanálise na cultura, gostaria de começar com um texto fundamental do Sigmund Freud: “O Mal-estar na Cultura” publicado no ano 1930.<sup>1</sup> Nesse texto, Freud define a Cultura como aquilo que *designa a soma das produções e instituições que distanciam nossa vida da vida dos animais, e que servem a dois intuitos: o de proteger ao homem frente a natureza, e o de regular as relações entre os homens.*

Vejamos então qual é a afirmação do Freud nessa breve citação: *o que distancia nossa vida da vida dos animais*, o que já supõe uma definição, já que desde Aristóteles sabemos que o homem é um animal político porque possui a fala. E acrescentando: *proteger ao homem da natureza*, frente à qual fica inexoravelmente distanciado pela própria relação com a palavra. E finalmente *protegê-lo de si mesmo regulando as relações dos homens entre si*, trata-se de relações mediadas também pela palavra. São muitos elementos.

A cultura seria essa tentativa de regular as relações entre os homens.

O que é que Freud pensava dos seus méritos em relação aos fins que lhe atribui?

Ele dirá que não chegamos a compreender como as instituições que a própria humanidade criou para sua proteção e bem estar, obtivessem um mau resultado. Talvez, de acordo com Freud, encontraríamos um sinal disso no ditado ideal colocado pela sociedade civilizada: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*. Acerca desse mandamento o inventor da psicanálise diz: o próximo é tão ameaçador quanto o mundo externo, porém também faz parte de nossa intimidade. O mandamento *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* é a rejeição mais intensa à agressividade... e esse mandamento é inatingível...” E à respeito disso Freud conclui: *Que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela pode causar tanta infelicidade quanto a própria agressividade.*

A cultura – ou o *Direito* – exige de nossa parte uma renúncia ao gozo; não somente no plano da libido, regulando-o por tabus, rituais e proibições; a cultura também exige uma renúncia às tendências agressivas.

Caso a cultura exigir ao homem a renúncia ao gozo, não será somente a renúncia

---

<sup>34</sup> O autor agradece a por Marcela Canizo (E-mail: marcelacanizo@marcelacanizo.com) pela tradução ao português.

às tendências da libido, mas também às tendências agressivas. Entanto as tendências da libido poderiam procurar fontes de satisfação substitutas, as tendências agressivas encontram um caminho direto: a introjeção e o retorno ao próprio eu. O sentimento de culpa neurótico e a necessidade de castigo a si próprio são testemunhas disso.

Essa renúncia ao gozo que a cultura exige oferece em troca uma promessa de compensação: a justa regulação das relações entre os homens, e um ganho do gozo por outras vias. Entretanto, essa promessa aparece via de regra não cumprida.

Um sistema com essas características, ao mesmo tempo que limita e regula a satisfação da libido, encaminha as tendências agressivas. Coloca uma figura feroz no supereu, porém esses tormentos podem ser destinados, pelo menos em parte, para outros de nossos semelhantes, para quem vamos dedicar o castigo do qual aliviaremos nosso eu.

Quando em *As pulsões e seus destinos*,<sup>2</sup> Freud se refere às fases da formação do eu, ele descreve como o mundo externo psiquicamente se constrói pelo ódio, e não pelo amor. Na origem o eu incorpora como próprio tudo o que lhe dá prazer e expulsa o que lhe produz desprazer. Na constituição mesma do eu há uma segregação em jogo. O que o eu expulsará de si mesmo será a hostilidade. Isso explica porquê o rejeitado de si é o que retornará como estranho.

Existe uma ordem temporal: a hostilidade é anterior a hospitalidade (as duas palavras tem a mesma raiz semântica). Em termos freudianos, o ódio é anterior ao amor. Nesse ponto, o hostil, o exterior e o estrangeiro coincidem.

Freud escreveu *O Mal-Estar na Cultura*, na mesma época em que vivia a violenta ascensão do rápido ascenso do nazismo. Como pensar a relação com o semelhante em nosso tempo? Durante séculos vivemos toda gama de espantos e calamidades causadas por nós mesmos. Até poderíamos esperar ficarmos imunizados, e assim o pensamos depois de ter passado, em tempos recentes, pelos horrores das duas guerras mundiais e do holocausto causado pelo nazismo, com o horror que a segregação pode assumir sob a forma de extermínio.

No entanto, Lacan já nos advertira que não era otimista quando afirmou, na proposição de 9 de outubro, que *Nosso porvir de mercados comuns será equilibrado pela extensão cada vez mais dura dos processos de segregação*. Curiosa reflexão que vincula a extensão de um mercado, comum e unificado, com a experiência europeia que começava nesses tempos com grandes esperanças, na figura de um campo de concentração. O comentário de Lacan não é otimista, como também não o foi o comentário de Freud, sobre a consideração para com o nosso próximo. Porém Lacan, ainda em 1967, acrescenta um elemento para nossa consideração: o mercado.

O mercado se tornou global e propõe objetos de satisfação para todos os gostos... na medida que se trate dos mesmos no mundo inteiro, de rápida caducidade, junto com a velocidade dos *gadgets* mencionados por Lacan, quando fala sobre a circulação vertiginosa que consome e consome esse falso discurso que chama *Capitalista*.

A uniformidade do mercado, como uma das *moiras*, tem suas irmãs. Sua irmã é a

segregação. A segregação do traço que se torna diverso na uniformidade do conjunto. Não se trata somente da tolerância ou intolerância com o que é diferente, mas perante o gozo do Outro na medida em que subtrai uma parte do meu gozo. No caso extremo assume a forma do ódio e o extermínio.

Do período histórico da modernidade até a contemporaneidade, vai se deslizando o traço diferente que se apoiou em alguma referência ao ser, deslizando-se para o ter. Em primeiro lugar, o ser branco, preto, nativo, europeu, homem, mulher, fulano, beltrano, *aristocrata de berço* ou ter nascido *servente* (ou escravo) ou cristão, ou judeu. Logo, o ter, os fetiches da mercadoria.

Contardo Calligaris, na obra *A Sedução Totalitária*, menciona a referência à teoria do valor de Marx no primeiro capítulo de O Capital e salienta que essa definição é possível na idade contemporânea do capitalismo industrial, pela passagem de uma sociedade de valores baseada no querer ser, a uma sociedade de valores baseada no querer ter. Dessa forma, quando Calligaris ilustra isso, afirma que no século XIX a pergunta sobre: *o que é ser um homem*, seria respondida com virtudes do ser, como bravura, honra, coragem... honestidade, inclusive poderíamos acrescentar fé, temperança, etc. Porém, no século XX, há uma transformação para o ter, ter os objetos do gozo, ou a promessa de tê-los.

Então, lembrando a colocação da socióloga Paula Sibilia sobre a relação entre subjetividade e tecnologias, quando ela pergunta se é o desenvolvimento da tecnologia o que muda a subjetividade de uma época, ou é a mudança progressiva na subjetividade o que habilita o desenvolvimento dessas novas tecnologias, acredito que as raízes dessas mudanças subjetivas contemporâneas residem nas formas de pensamento que começaram a se desenvolver durante a renascença e a época do Iluminismo.

A modernidade propõe que cada um se reja pela razão, não pelo cânone da fé consagrada ou imposta pela autoridade da nobreza e o clero. Principalmente, coloca a razão na frente da religião. A modernidade aparece depois do surgimento de mudanças emblemáticas no nível mundial tais como: a imprensa, a renascença e a revolução científica, e desenvolve assim a confiança no progresso e promove o ideal de igualdade.

O iluminismo desenvolveu esse movimento e confluiu na Revolução Francesa. Os pensadores do Iluminismo sustentavam que o conhecimento humano podia combater a ignorância, a superstição e a tirania dos nobres e da igreja.

Essa passagem dos valores do ideal, do ser para o ter, aumenta com os desenvolvimentos industriais, e acontece de forma acelerada no período seguinte ao último pós-guerra.

É verdade que as formas de segregação pelo ser continuam coexistindo, o racismo continua vigente. Mas o uniforme e o diverso podem se diluir num plano no qual a segregação por raça, gênero, credo ou sobrenome se debilita, enquanto o mercado padroniza gostos e hábitos de consumo, nos quais todos encontram um lugar... *na medida que tenham valor como mercadoria e tenham capacidade de compra...*

Nesse movimento do ser para o ter, devo acrescentar que ultimamente tem

acontecido uma passagem para o *parecer*. Considerando as reflexões de Guy Debord no livro *A sociedade do espetáculo*, Debord argumenta que a história da vida social pode ser entendida como *a declinação de ser no ter, e a do ter no simplesmente parecer*. Essa condição na qual a vida social tem sido substituída por imagens, acontece, conforme Debord diz, no *momento histórico no qual a mercadoria completa a colonização da vida social*. Ele escreveu isso no ano 1967, não conhecia o iPhone nem a Internet, também não conhecia as redes sociais, nem a *selfie*.

Mas vamos nos deter nesse movimento. A padronização segrega seu próprio resto. O conceito *das Ding* indica o lugar lógico inicial que ocupa na estrutura, como a primeira coisa que pode se-separar e assim construir uma intimidade estranha e obscura que produz angústia, um *unheimlich* no familiar.

O *hetero*, o que causa horror, é o que não cabe nessa padronização. E eu digo *hetero* pensando que ficaria pendente considerar, para esse tema, e não faremos isso nessa ocasião, as fórmulas da sexuação do Lacan.

Então a modernidade instaura as bases do pensamento político, filosófico e científico. Torna possível a democracia, derrubando as diferenças do *ser*, tanto às hereditárias como às aristocráticas. Seu modelo é o modelo da revolução francesa, o plebeu Terceiro Estado, a burguesia nascente, destitui a nobreza e o clero, proclamando a universalidade dos Direitos Humanos, que ainda reivindicamos. E também instaura o sujeito da ciência nascente, o sujeito cartesiano, cujo resto será a singularidade.

Entretanto, existe um impasse nessa universalidade. Na medida em que a proposta é *para todos*, a singularidade fica nas bordas, é depreciada. O campo da lei e do direito pertence à dimensão da universalidade simbólica, a natureza mesma do objeto do gozo como cada um resiste à universalização. Como afirma Zizek no *Olhando de Viés, o fantasma é o modo absolutamente particular como cada um de nós estrutura sua relação impossível com a Coisa traumática. E o modo como cada um de nós, através de um roteiro imaginário, dissolve ou encobre, ou as duas coisas, o atoleiro fundamental do Outro inconsistente*.

A universalização impossível do objeto do gozo, que o mercado propõe, resulta em paradoxos.

Vejam um exemplo disso. Em nome dos direitos humanos pode se chegar a situações absurdas. Se observarmos o caso da França, perante os assim ditos símbolos religiosos. A condição laica do estado foi uma conquista democrática da revolução francesa. A igualdade da mulher também é uma reivindicação democrática. Em muitos estados teocráticos, sob certa interpretação da lei do Corã, vemos a exclusão das mulheres da maioria dos direitos civis reservados para os homens, e mais ainda, deve se vestir de certa forma para ocultar o corpo ou pelo menos o rosto, com o uso do véu, o chador ou burka. Lá o tabu do enigma feminino é um assunto de estado.

Agora, se nessas sociedades, a obrigatoriedade do véu ou do xador simboliza o submetimento da mulher, no ocidente pode ser símbolo da resistência à padronização. É absurdo que hoje isso afete o direito das mulheres que no ocidente escolhem usar estas vestes. Na França, berço dos direitos do homem, onde não é permitido o uso de

símbolos religiosos em prédios públicos, como nas escolas, discutiu-se então proibir às meninas de usar véu ou xador nas instituições educativas.

Podemos colocar em dúvida se o véu é um símbolo religioso ou simplesmente um traço cultural, mas, além disso, devemos nos perguntar se padronizar as vestes não transforma o vestuário, insignificante em si mesmo, numa bandeira de resistência.

De forma tal que, se num país regido por certa interpretação do Islam, esse agasalho constitui um símbolo do submetimento da mulher, no ocidente o uso da mesma pode ser símbolo de resistência cultural à padronização. E a padronização anda de mãos dadas com a segregação.

Comprovamos novamente que fica como opção da mulher o dizer não, um não para o *para todos*. Em ambos os lados dessa fronteira cultural, o enigma do feminino causa horror e é reprimido.

Frente a esse panorama, devemos então ser pessimistas?

Sabemos que Freud viveu numa época na qual o mal-estar, o ódio, as tendências agressivas, a segregação, estiveram também presentes. O posicionamento de Freud não era ingênuo, mas tão pouco era cínico. Então, no final desse magnífico texto que é *O Mal-Estar na Cultura*, ele nos diz qual é sua esperança. Freud: *Sob meu julgamento, o destino da espécie humana será decidido pela circunstância de se o desenvolvimento cultural conseguirá enfrentar as perturbações da vida coletiva surgidas da agressão e a autodestruição..... Só nos resta esperar que a outra das duas potências celestes, o eterno Eros, desdobre suas forças para vencer na luta com seu não menos imortal adversário (Tanatos), porém, quem pode prever com que sucesso e com que resultado?*

Uma aposta pela vida e por essa vertente propiciatória da cultura, não meramente proibitiva, essa era sua esperança. Hoje fazemos nossa essa esperança. Essa jornada e os discursos que compartilhamos, almejando enlaçar o discurso da psicanálise, são uma prova disso.

Muito obrigado.

Notas:

<sup>1</sup> NdeT: Escolhimos o termo Cultura embora a tradução realizada pelo Paulo Cesar de Souza, usa o termo Civilização: FREUD, SIGMUND; *O Mal Estar na Civilização*, Penguin Companhia das Letras, Coleção Grandes Idéias, São Paulo, 2011.

<sup>2</sup> NdeT: Nesse caso priorizamos o termo de uso mais freqüente, conforme a tradução do Pedro Heliodoro Tavares, FREUD, SIGMUND: *As pulsões e seus destinos*, Autentica, São Paulo, 2016.





## GARDENIAS

Beatriz Duró

*Sabía por qué*

*Y entendió*

*Y le dijo al viejo*

*Que explique*

*Lo imposible*

*Lo cual él hizo.*

*¿Qué le habrá dado Dios al viejo,*

*Que hizo esto posible?*

(HILDA DOOLITTLE.)

La consigna bajo la cual nos reunimos en esta preciosa jornada, es pensar en qué el psicoanálisis ha contribuido a la Cultura.

Freud, ya en su adolescencia, a los 15 años, decide con su amigo Edouard Silberstein aprender español, para leer al Ingenioso Hidalgo en su lengua de origen. Y... fundar la Academia Española, luego de haber leído “el coloquio de los perros” uno de los textos de las “Novelas ejemplares”, vistiendo los nombres de aquellos dos canes, que tienen la capacidad de hablar por una noche, Cipión y Breganza, a las puertas del Hospital de Sevilla (En realidad se refiere al Hospital de la Resurrección de Valladolid) ¿Estará allí el origen de su posición como analista, escuchar al otro en su sufrimiento? Siendo Breganza quien cuenta sus cuitas, Freud como Cipión lo escucha,

La teoría analítica reposa, pues, totalmente sobre esta noción de libido, sobre la energía del deseo. Es por el deseo de Freud que avanza la teoría psicoanalítica. Tal vez acunada en esta marca juvenil. El deseo de analista se está gestando allí. Y se sigue sosteniendo por nuestro deseo encarnando la transferencia que tenemos con los textos que Freud nos legó, y la concurrencia transferencial con Lacan.

Somos fruto de la cultura. No obstante la estructuración de cada sujeto en la cultura, se vuelve contribuyente de la cultura misma. Es el caldo de “cultivo” en el que se desarrollan los hablantes seres, no olvidemos la etimología de cultura, del latín *cultus*, cultivar.

Y la vuelta de lo que recibimos de la cultura es su devolución a la sociedad. En su doble vertiente como habilitante de cada sujeto a poder sostener su deseo y como

represor de las pulsiones eróticas o agresivas, a veces inhabilitando vidas enteras.

En entrevista del año 1926 a sus 70 años, que le hiciera George Sylvester Viereck, Freud reconoce el aporte que le debe el psicoanálisis a la literatura y la filosofía.

*George Sylvester Viereck: \_ Usted, sin duda, fue bien seguido al transmitir ese punto de vista a los escritores modernos. Freud: \_ También recibí mucho de la literatura y la filosofía. Nietzsche fue uno de los primeros psicoanalistas. Es sorprendente ver hasta qué punto su intuición preanuncia las novedades descubiertas. Ninguno se percató más profundamente de los motivos duales de la conducta humana, y de la insistencia del principio del placer en predominar indefinidamente que él. El Zaratustra dice: "El dolor grita: ¡Va! Pero el placer quiere eternidad pura, profundamente eternidad".*

Los numerosos viajes que realizara a Italia le brindaron un opíparo banquete de cultura. Lo que le proporcionó el mejor terreno para que se valiera de estos nutrientes que él usó a discreción.

De su primer viaje a Roma sabemos del entusiasmo que le provoca el Moisés de Miguel Ángel, lo hace quedar extasiado mirando aquella obra. Como unos años después escuchará que su paciente Dora permanecería en absorta contemplación de la madona de Dresde, esperando le fuera revelado el secreto de la maternidad, él se encuentra ante aquel padre imponente, portador de la ley bajo el brazo, acariciando su barba distraídamente.

Al tiempo le dedica un artículo; “El moisés de Miguel Angel,” que como Uds. saben fue publicado anónimo en la Revista Imago de su dirección.

Para pensar el juego inconsciente de significantes que se entrelazan en su historia, recordemos: Jacob Freud llamó a su hijo con el nombre de su propio padre que acababa de morir, Shlomó, para seguir la costumbre judía de llamar a los hijos con el nombre del pariente muerto que se tenga interés de venerar. Jacob anotó el nacimiento en la Biblia ilustrada de Philippon, la biblia familiar, Donde dice: ... mi hijo Salomón Sigmund nació el martes, primer día del mes Lar de 5616 a las 6.30 de la tarde = 6 de mayo de 1856. Fue circuncidado el martes, día 8 de mes Lar = 13 de mayo de 1856/.../ los padrinos fueron el sr Lippa Horowitz y su hermana Mirl, hijos del rabino de Szemwitz/.../ pag 46. Freud es inscrito con el nombre de Sholmo Sigmund.

## **Moisés y Salomón**

Según consigna la Academia Internacional de la Cabalá B'nei Baruj. Moisés y Salomón se consideran Panim (frente) y Ajoraim (parte posterior). Está escrito acerca de Moisés: “y verás mis espaldas”. Salomón, sin embargo, se considera Panim. Y solamente Salomón utilizó el Ajoraim de Moisés, que es la razón por la cual las letras del nombre “Shlomo” (Salomón) son las mismas letras hebreas utilizadas en la palabra “LeMoshé” (a Moisés).

Pintura escultura, literatura, son el alimento de sus vacaciones. Los frescos de

Orvietto, recuerdan, que darán lugar “El olvido de nombres propios...” En carta a FlieB unos días antes de la que le comenta el caso Signorelli Le dice lo siguiente: “...una pequeñez, conjeturada desde hace tiempo, he aprehendido por fin. Tú conoces el caso en que un nombre se nos escapa y se cuela en cambio un fragmento de otro por el que uno juraría aunque en todos los casos revele ser falso. Así me ocurrió no hace mucho tiempo con el nombre del poeta autor Andreas Hofer (“A Mantua en cuerda”). Tiene que ser algo con -au-, Lindau, Feldau. Desde luego, el hombre se llama Julius Mosen, el “Julius” no se me había ido de la memoria. Ahora bien, conseguí demostrar 1) que yo he reprimido el apellido Mosen a causa de ciertas concernencias, 2) que en esta represión coopera un material infantil, y 3) que los nombres sustitutivos antepuestos se habían generado como síntomas a partir de ambos grupos de material.” 26 de agosto de 1898.

## Trieste

Es interesante recordar, que a los 21 años, en 1876, es becado por su profesor Carl Claus a Trieste para seguir sus investigaciones sobre las anguilas. Claus dirigía el departamento de Anatomía Comparada en la Universidad de Viena, eligió a Freud como el primer estudiante que disfrutaría de esa beca, por su desempeño en el semestre de verano de 1875. El joven Freud fracasa y vuelve decepcionado por no haber podido cumplir la empresa que se había propuesto: encontrar los genitales masculinos de las anguilas.

Por una carta que a sus 80 años envía a Romain Rolland, que todos conocemos como “Una perturbación de la memoria en la Acrópolis”. Sabemos que en 1904, estando en Trieste nuevamente, deciden con su hermano visitar Grecia por consejo de un amigo. Antes de sacar los pasajes tienen un malhumor inexplicable, dudan de ir a Grecia. El hecho de visitar lugares lejanos, vedados para su padre, puede ser la causa de este sentimiento.

No sabemos si el significativo Trieste lo puede haber conmovido también, él no lo asocia. Habla de la desazón en Trieste. “...no nos asombraría que un intento así fuera dirigido contra un fragmento de la realidad que amenaza producir displacer...” no se tramita la dicha” agrega. Y lo asocia con los que fracasan al triunfar. Tal vez hubo algo de eso en Trieste. Allí a los 21 años sufrió una gran frustración, en la que tal vez estuviera en alguna medida provocar una decepción a Claus que estaba en posición de padre. En aquel momento, antes de cruzar a disfrutar del acervo de la cultura griega, el sentimiento de no merecer ese regalo de la vida se pone en juego, “no nos atrevemos a esperar tales favores del destino” como en “los que fracasan al triunfar”, no ser merecedor de disfrutar de esa herencia cultural que nos legara la Antigua Grecia.”

## Gardenias

Hilda Doolittle, poeta, escritora y cronista norteamericana, paciente de Freud, quien escribe el libro “Tributo a Freud” (1936), en los últimos años de su vida, en cada cumpleaños le regalaba gardenias, porque sabía eran su flores preferidas. Hoy, para esta celebración del nacimiento de Sigmund Freud, pensé traer un ramo, pero no hay gardenias en otoño en este hemisferio. Si queremos gardenias, no hay más remedio que traerlas en la palabra.

El objeto se pierde al hablar. En tiempo anterior a la palabra no hay objeto, estará para siempre irremediabilmente perdido. No hay sujeto. Sin la palabra no hay sujeto. Acceder al lenguaje implica perder la cosa. La palabra mata la cosa, decía Hegel y Lacan lo estipula.

Las gardenias para nosotros jazmines, no pueden ser traídas, no podremos apreciar su perfume ni su tersura, ni su forma ni su color, su blancura luminosa. La traemos envuelta en el lenguaje y las asociamos, cada uno con la historia que tienen las gardenias en su vida, y nosotros, todos juntos en el día del cumpleaños de Freud las asociamos con su flor predilecta. Con sus viajes a Italia, donde solía regalarse una gardenia, y retratarse con ella en la solapa.. (De “Una vida divina” Philippe Sollers) Cuando disfrutaba de esos paseos meridionales llenos de luminosidad, de encuentros con el arte en todas sus manifestaciones. Con su pasión de arqueólogo, contemplando las ruinas que le ofrece el suelo de Italia.

Como dice Paul Ricoeur en su “Freud una interpretación de la cultura” La contemplación de las ruinas nos permite entrever fugazmente que la existencia no se ubica en nuestro mundo violento, un mundo cuyos cascotes, faltos de tiempo, no logran ya convertirse en ruinas, de un tiempo que no es el tiempo del que hablan los manuales de historia o del que tratan de resucitar las restauraciones. Es un tiempo puro, al que no puede asignarse fecha, que no está presente en nuestro mundo de imágenes, simulacros y reconstituciones...” Es un tiempo perdido cuya recuperación compete al artesano”. Que va a ser la función que encarará Freud a partir del descubrimiento del inconsciente y de su labor de investigación psicoanalítica como un arqueólogo, metáfora que utiliza comúnmente cuando se refiere al análisis.

Entonces, el gran aporte que hace el psicoanálisis a la cultura... es el psicoanálisis Es el psicoanálisis mismo.

Para re-situar al sujeto sufriente haciendo que su vida le sea más soportable.

*“El psicoanálisis vuelve a la vida más simple. Adquirimos una nueva síntesis después del análisis. El psicoanálisis reordena el enmarañado de impulsos dispersos, procura enrollarlos en torno a su carretel. O, modificando la metáfora, el psicoanálisis suministra el hilo que conduce a la persona fuera del laberinto de su propio inconsciente. Freud 1926 entrevista por sus 70 años*

*Qué le habrá dado Dios al viejo,*

*Que hizo esto posible?*

No es sorprendente que Ricoeur, en su “De la interpretación, un ensayo sobre Freud”, escogió este ejemplo como paradigma de cómo el psicoanálisis es más una teoría de la

cultura que una teoría científica de la mente.

Por el amor transferencial que tenemos con Freud hoy le rendimos nuestro tributo.

Otoño de 2017



## A PERVERSÃO NO OTHELLO DE SHAKESPEARE

Luiz-Olyntho Telles da Silva

*O único conhecimento que pode ser verdadeiro para nós é aquele que podemos sustentar.*

(W. H. AUDEN, *O curinga no baralho*).

Quando comecei a ler Shakespeare, instigado pela leitura de Freud, marcou-me a grande agressividade presente no texto do bardo: assassinatos, suicídios, felonias e insídias. Mais tarde, associei seu sucesso à incrível atração exercida nas crianças pelas histórias dos irmãos Grimm. O elemento comum era a maldade. Comum e reconhecida na infância, a agressividade perdura a vida inteira e nos tem a todos, sendo muitas vezes um problema, tanto para quem a sofre como para quem a exerce.

A tragédia *Othello*, escrita logo depois da conhecida *Hamlet*, e antes de *Rei Lear*, é uma oportunidade para determo-nos no tema da perversão.

Ao buscar estudos sobre *Othello*, para minha surpresa, afora uma breve menção de Freud, encontrei-os apenas no campo da literatura e da filosofia. Hegel, em *O Belo na Arte*, destaca, no herói medieval, a *coragem*, ditada pela interioridade do espírito, no qual *o sujeito só vê a si mesmo*. No mais, os estudos tratam de examinar, nos mais diferentes detalhes, o *ciúme* de Othello e a *perfidia* de Iago.

Conto-lhes rapidamente o drama: Othello é um soldado mercenário contratado por Veneza. A experiência militar justificava seu posto de general. Ao organizar seu exército, granjeia muitas simpatias e algumas antipatias, entre as quais a do experiente soldado Iago. Este pretendia ser promovido ao posto de tenente, mas permanecera no de alferes, hierarquicamente inferior, preterido por Cássio, um jovem veneziano entendido em aritméticas, uma ciência cada vez mais valorizada pelos exércitos. A admiração da cidade por Othello, representada pelo nobre e brabo Brabâncio, Senador de Veneza, quem, com frequência, o convidava para contar-lhe histórias de sua vida, de suas batalhas, era recíproca. Othello, também de origem nobre, do mesmo modo admirava essa cidade-estado, sua riqueza e cultura. Durante seus relatos, em casa de Brabâncio, quem também está aí para ouvir, sempre que pode, é sua filha, a bela Desdêmona, que logo se apaixona pelo Mouro. Como frisou Lacan, os sentimentos tendem a ser recíprocos: Othello também se apaixona por Desdêmona e, às escondidas do pai, casa-se com ela; um casamento que, para ele, representa também uma conquista sobre Veneza. Afinal, Othello é um preto africano e Veneza, preconceituosa. É neste momento que começa a peça, com Iago querendo vingar-se de Othello por sua preterição. O resto já sabemos: Iago inventa que Desdêmona trai o marido com Cássio; Othello acredita e mata-a; a seguir, dando-se conta do sofrido engano, comete suicídio.

Para melhor acompanhar o enredo da tragédia, é mister seguir também aos outros personagens, a começar por Rodrigo, um jovem rico e apaixonado por Desdêmona. Ambos preteridos, Iago por Cassio e Rodrigo por Othello, o segundo serve como instrumento às maquinações do primeiro: enquanto Rodrigo sofre as amarguras de um amor impossível, Iago vale-se tanto da rica bolsa deste como de sua própria pessoa para eliminar Cassio, seu próprio rival. Emília, esposa de Iago, é também manipulada pelo pérfido personagem: valendo-se de sua honestidade e de sua proximidade a Desdêmona (é sua camareira), ele faz dela sua cúmplice sem que ela mesma perceba, tal como no jogo de quatrinho, dos imigrantes de nossas serras, e quando ela finalmente descobre a verdade de seu marido, ele a mata. Assim, ao lado do casal Othello e Desdêmona, temos também Iago e Emília e temos de acrescentar o pretendido casal Rodrigo e Desdêmona, sem deixar de mencionar o fictício par Cassio e Desdêmona.

Mais que um inventor, Shakespeare é um contador de histórias. Na maioria de suas peças, para não dizer em todas, ele vai buscar inspiração nas narrativas de outros autores, inovando-as e tornando-as complexas. Isso me parece importante para mostrar que o drama vivido pelos personagens não são exclusivos; viveram-nos e seguem sendo vividos também por outros. Assim, a coluna vertebral da peça, parece ter sido retirada de um conto do italiano Giovanni Battista Giraldi Cinthio, a história do *capitano moro*, constante em *De gli hecatommichi*, publicado em 1565, enquanto as características do General Othello derivam do aventureiro conhecido como *Leão, o Africano*, respeitado por sua conversão ao cristianismo e que publicou, em 1600, uma *História geográfica da África*. O aspecto do ciúme, ausente na história de Cinthio, foi identificado, por Virginia Vaughan, em 1997, na *História geral dos turcos*, de Richard Knolles, publicada em 1603: aí também o ciúme de Bassa Ionuses leva-o a assassinar sua fiel esposa Manto. A originalidade do bardo está na trama e na força dos personagens. A invenção do humano se lhe atribui porque ninguém antes descrevera os caracteres dos personagens como ele o fez.

Uma primeira observação é a ausência da palavra *perversão* no texto. Embora ela conste na tradução de Elvio Funck, para a Ed. Movimento, em 2015, no Ato III, Cena 3, quando Iago está descrevendo suas características e usa o adjetivo *vile* para caracterizar seus pensamentos, temos de notar que, ao tempo da escrita da peça, por volta de 1603-4, esse vocábulo ainda não estava disponível em verbete. Entrou na língua no século XVI, com a conotação de *corrupção*, pouco antes daqueles dias, mas com o sentido de *ato perverso*, de *perversiōnis*, o termo só passou a fazer parte da língua a partir do século XVIII, por meio do latim eclesiástico. Quando Freud usa essa palavra, então, ela tem apenas cerca de cem anos, tempo insuficiente para que, quando empregada, as pessoas soubessem imediatamente do que se tratava. Com a psicanálise, a partir de Freud, essa expressão adquire nova acepção, embora ainda hoje esse significado não seja notório! Para Freud, trata-se sempre de um desvio da pulsão sexual. E é preciso frisar que esse desvio não é considerado em relação a nenhuma norma social. Freud chama-nos a atenção para o fato de que, *pela disseminação extraordinariamente grande das perversões*, a disposição do sujeito para ela *não é em si muito rara, devendo constituir parte do que passa como*

*constituição normal*, conforme afirmou no último apartado do primeiro dos *Três ensaios*, de 1905.

Contudo, uma melhor compreensão do fenômeno nos foi dada pelo Mestre, em seu artigo sobre o fetichismo, de 1927, quando fala da *verleugnung*, a renegação: quando o menino toma conhecimento, pela primeira vez, da anatomia feminina, descobre aí a ausência do pênis, mas Freud destaca que ele se nega, que ele se *recusa* – Freud diz *geweigert* –, a tomar consciência dessa percepção – como adiante veremos ocorrer com Othello –, um fato hipotético pleno de consequências.

Octave Mannoni, estudando o fenômeno, repara em uma frase frequente nos analisantes, e com ela batizou um artigo que hoje já tem um pouco mais de cinquenta anos: *Já sei, mas mesmo assim...* É uma frase a denunciar a ação da *verleugnung*: o sujeito *sabe* que a mulher não tem pênis, *mas mesmo assim* a trata como se tivesse. E o interessante é que no fetichista propriamente dito, o perverso por excelência, nós só podemos ler a primeira parte da frase; no lugar da segunda - *mas mesmo assim* -, ele coloca um fetiche!

Quando denominamos uma estrutura como neurótica, ou como perversa, ou mesmo psicótica, isso quer dizer que detectamos aí uma prevalência, ou do mecanismo da repressão, ou recalque, a *verdrängung*, ou, então, da *verleugnung*, a renegação, ou da *verwerfung*, a forclusão. E o importante a ser destacado é que a prevalência de um mecanismo não implica na inexistência de outro, mas sim na diminuição da força de sua ação. Enquanto o neurótico terá reprimida<sup>35</sup> sua capacidade de imaginação, o perverso terá reduzida sua capacidade de repressão de certas pulsões, o que poderá contribuir para um comportamento antissocial. Em 1924, em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud conceitua a normalidade como a combinação de características, interpretando-a assim: o sujeito *renega* [*verleugnet*] *a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade.*

É interessante que, no caso de Othello, um lenço, com valor de fetiche, mera prova circunstancial, tenha sido tomado, sem maiores discussões, como prova direta do crime de traição. O lenço, diz Othello, tinha sido um presente de seu pai para sua mãe. Bordado por uma cigana, com fios de larvas abençoadas e tingido com o sangue de cadáveres de meninas virgens, seu feitiço desempenhava a mesma função de um amavio. Registremos que da mesma etimologia latina de *feitiço*, *facticius*, também sairá, em 1873, *fetiché*. Seja como for, para Othello o lenço representava o valor fálico da mãe, uma imagem da qual ele não podia abrir mão; antes perder a vida! Na única menção que Freud faz de *Othello*, em *A interpretação de sonhos*, ele não deixa de notar a explosão de cólera provocada pelo lenço perdido. Estava inscrito no objeto que sua perda provocaria um efeito amoroso inverso, um efeito de repulsão.

E não deixemos de registrar que o texto todo está infestado de feitiço. Brabâncio acusa Othello de usar feitiço para conquistar sua filha, enquanto o general se defende

---

<sup>35</sup> Lacan traduz a *Verdrängung* freudiana por *recalque*, preferindo o termo *repressão* para traduzir a *Unterdrückung*, consciente, que usualmente se traduz por *supressão*. Prefiro manter para *verdrängung* a tradução de repressão, por coerência com a tradução de um dos componentes da pulsão, a *dräng*, traduzida por *pressão*.



dizendo que usou apenas seu charme. Essa é, aliás, a palavra usada por Shakespeare na acusação do Senador: *Charm*, traduzida por *feitiço*.

O texto de Mannoni está dedicado à questão da crença, e estou de acordo com ele na importância da presença da ação da *verleugnung* para tal. E, mais, estou convencido de que para haver imaginação e criatividade é preciso que o destino da representação inconsciente assuma as características disto que temos chamado, em português, de *renegação*, *repúdio* e *desmentido*. E eu mesmo encontrei, recentemente, outra tradução para o termo empregado por Freud: trata-se de *esconder*, no sentido de algo que *não se pode esconder*, como a avareza, ou mesmo uma crença. Já veremos como esse sentido se aplica ao nosso texto.

Permitam-me, contudo, antes de continuar, dizer duas coisas, ainda, sobre a palavra perversão. Primeiro sobre seu prefixo: do latim *pĕr*, nos vocábulos românicos serve para reforçar o conteúdo semântico dos adjetivos e dos verbos e seus derivados, revelando um conteúdo forte e até mesmo algum excesso. Na linguagem internacional da química, por exemplo, é usado para indicar que um dado elemento químico participa, na sua proporção máxima, em determinado composto, como o *permanganato* (de potássio), o *percloro* (de sódio), etc. O semantema *versão*, por sua vez, conota o ato ou o efeito de *verter*, de *voltar*. E *verter*, do latim *vertere*, aparece, desde o século XIII, com o sentido de *derramar*, *entornar* e *fazer transbordar*. É dessa extrapolação dos limites que surgirá o sentido de *inversão*, a partir do séc. XVIII, como o que vai contra a ordem, contra a natureza.

Outra observação é sobre a atração entre Desdêmona e Othello: para Desdêmona, Othello bem pode representar a própria escolha paterna, pois foi seu pai quem o trouxe para dentro de casa. Porém, uma vez identificado no núcleo de seu nome um diabo, em inglês, um *demon*, logo encontraremos espelhado, narcisicamente, no núcleo do nome de *Othello*, um inferno, um *hell*. Um é a casa do outro! Como diz Lacan, *o homem aspira ao pior!*

Des-**demon**-a

Ot-**hell**-o

Tão comum e presente na infância, ao ponto de Freud dizer das crianças *perversos polimorfos*, ofendendo com isso toda uma cultura que via nelas a imagem da inocência, o problema da perversão aparecerá quando, mais tarde, o comportamento do sujeito retorna a uma das fases infantis, fazendo do fetichismo uma atividade sexual exclusiva. Embora o casal tenha confirmado o casamento, vale lembrar aqui que os leitores de *Othello* até hoje discutimos se a relação conjugal entre ele e Desdêmona haveria sido consumada. Difícil apreendê-la nas entrelinhas.

Em todo o caso, dessas perversões quase poderíamos dizê-las inocentes, perto da de Iago. Ele joga com as perversões próprias de cada um para seus próprios fins. De entrada, logo das primeiras falas, ele se enuncia: *I am not what I am. Eu não sou o que sou*. É a afirmação contrária a do Deus de Moisés: *ēhyē asher ēhyē, eu sou o que sou*,<sup>36</sup> na tradução de Santo Agostinho. Não há dúvidas de que sua posição é diabólica. Em suas falas, em

---

<sup>36</sup> Êxodo, 3:14.

busca de vingança, encontramos a extrapolação dos limites característica da perversão. Desde o início da primeira cena do primeiro ato, Iago começa mentindo, descaradamente, *verleugnen*, sem poder esconder dos espectadores quem ele realmente é e, na primeira avaliação de seu colega de armas, já o considera um efeminado: *Miguel Cássio é um sujeito quase condenado a assumir um papel de bela esposa*.<sup>37</sup> Logo adiante, quando vai, junto com Rodrigo, provocar Brabâncio, o pai de Desdêmona, que a acredita dormindo em casa, sem o menor sinal de papas na língua, de imediato, vai dizendo a este: *Neste instante, um bode preto e velho está cobrindo sua branca ovelhinha*. Como Brabâncio parece não acreditar, Iago insiste dizendo que logo ele *terá um cavalo berbere cobrindo sua filha, sobrinhos relinchando, corcéis por primos e ginetes por parentes*. Na cena III, ao final do 1º Ato, quando trata de aproximar Rodrigo de Desdêmona, assim se expressa: *Se você conseguir presentear [Othello] com um par de chifres, estará presenteando a si mesmo com um prazer e a mim com um divertimento, a sport*. Iago, aliás, em tudo o que faz tem sempre presente o lucro, este o seu esporte. Quando diz odiar Othello, incrementa esse ódio imaginando que o Mouro já se tenha deitado com sua esposa. Nas suas palavras, diz assim: *Dizem que entre meus lençóis ele já exerceu meu ofício*. E mesmo sem saber se a suspeita é verdadeira, ele a trata *como se fosse (as if)*. Do mesmo modo justifica o mau tratamento que dá a Cássio, pois, afinal, teme que ele também tenha *usado sua touca de dormir*, outro eufemismo para dizer da suposição de que outros deitam com sua mulher! O que nessas horas ele não lembra é de quantas vezes imaginou a si mesmo entre os lençóis de Desdêmona.

Talvez pudéssemos contra argumentar que os homens, em geral, são sempre meio desconfiados e que, entre eles, não é raro o uso de uma linguagem mais crua. Pois bem, observemos que, ao dirigir-se às mulheres, às senhoras, incluída a própria esposa e a de seu chefe maior, o general Othello, a língua viperina de Iago também não parece ter freios! Em Chipre, mal as esposas haviam chegado, Iago já se dirige às mesmas dizendo que elas têm duas caras: *vocês dominam o jogo das lides domésticas e sabem ser assanhadas na cama*. E quando se mostram ofendidas, ele reafirma sua posição dizendo que *elas se levantam para brincar e deitam-se para trabalhar*. Não há diferença entre o tratamento que dá aos homens e o que dá às mulheres. Bem podemos aplicar a ele a frase de Mannoni: *Sei que as mulheres não são como os homens, mas mesmo assim as trato como se fossem!*

Agora, o que causa estranhamento mesmo são as atitudes de Rodrigo e Othello: ambos *sabem que* Iago os engana e *mesmo assim* o tratam como se ele fosse o mais honesto dos homens, frase que repetem a cada tanto. Quando Iago, por exemplo, trata de embriagar Cássio para este brigar com Rodrigo, o faz de tal modo que depois nem eles sabem por que brigaram. Quando Othello, o general, quer saber quem começou a briga, não pergunta a outro senão a Iago; e por quê? Pois eu diria que foi por ter reparado em seu alferes uma posição bastante exagerada: *de tão mortificado, parecia morto!* Ao ter que responder, Iago nega. Mas não deixemos de registrar seu argumento para a incompreensão dos motivos da briga: estavam ambos *em bons termos, como recém-casados despindo-se para a cama!* Contudo, Othello, como se não se deixasse enganar, possivelmente por ter percebido o gozo contido no argumento, interpela-o de modo

<sup>37</sup> As citações da peça foram retiradas da tradução de Beatriz Viégas-Faria, para a Ed. L&PM, na edição de 2013. E também da tradução de Lawrence Flores Pereira para a Ed. Penguin, 2017.

imperativo: - *É monstruoso. Iago, quem começou?* E depois, na terceira cena do terceiro Ato, Othello, dirigindo-se a Iago, exclama: - *Pombas, agora és meu eco, como se houvesse algum monstro em teu pensamento, hediondo demais para mostrar-se.* - Othello reconhece a insídia, mas faz como se não a reconhecesse.

Poderíamos dizer, com John Burgess Wilson, que nas peças escritas durante esse período, de 1601 a 1608, Shakespeare revela uma profunda insatisfação com a vida: Hamlet está insatisfeito com sua mãe, Timon com os amigos, Lear com suas filhas e Othello com a esposa. Mas também podemos dizer que Shakespeare aproveita o drama para dizer da importância do enganador e do enganado. O Dr. Francisco de P. Samaranch, quando, a pedido da editora Aguilar, escreve seu prólogo à *Poética*, de Aristóteles – na qual o Estagirita destaca a importância da *mimese* e da *práxis* para alcançar a *catarse* -, ele destaca, na obra de Górgias, ainda anterior, a importância da *apate*, a importância do *engano*. *Os que sucumbem ao engano da tragédia são mais sábios do que aqueles que não o fazem!* Em *O Mouro de Veneza*, enquanto Iago representa o personagem que tem de enganar, Rodrigo e Othello representam o papel do expectador que deve ser enganado. E a prova irônica, porém contundente, do bom desempenho de todos é pagarem com a própria vida!

Iago, não temos dúvida, manobra muito bem as técnicas da *apate*. Quase ao final da Cena três do segundo Ato, em um de seus oito solilóquios - para usar aqui uma expressão de Santo Agostinho, no seu *Liber Soliloquium* -, cuja função é a de revelar ao público o que se passa na consciência do protagonista, ele diz assim: - *Quando o desejo dos demônios é vestir o mais negro dos pecados, eles insinuam-se primeiro com vestes angelicais, como eu faço agora.* E depois, na Cena III, do Ato III, em outro solilóquio, continua sua lição: - *Conceitos perigosos são, por natureza, venenos que no começo raramente desagradam o paladar.*

Quando Iago leva Othello a suspeitar que Desdêmona não o ama, buscando com isso libertar os medos reprimidos e os ressentimentos de toda uma vida, o poeta Wystan Hugh Auden diz que Iago trata Othello como um analista trata um paciente, exceto que – ele esclarece –, a intenção de Iago é matar, e não curar.<sup>38</sup>

Destaco a função do engano no teatro, por acreditar que no transcurso de uma análise ele também tenha sua função. Denis Vasse refere-se ao engano como *sedução*, dizendo que no início de uma análise ela é muito importante, porém com uma ressalva: é preciso saber quando parar! A alusão é ao processo. Um processo do qual se espera uma transformação. Samaranch destaca, no capítulo sete da *Poética*, o valor da *hamartia* caracterizada como um defeito de caráter capaz de produzir uma mudança no destino, na sorte, uma reviravolta, enfim, uma *metábole*, termo ainda usado no teatro moderno para traduzir aqueles momentos que possibilitam a *anagnórisis*, o reconhecimento de um destino inesperado de um protagonista. Foi o que aconteceu com Othello. Tudo ia bem e, de repente, o reconhecimento da queda propicia o desenlace. Nas últimas linhas do capítulo sete, Aristóteles diz que a metábole pode consistir tanto na passagem da sorte ao infortúnio, como da desgraça à felicidade, entendida esta simplesmente como uma

<sup>38</sup> W. H. Auden, *O coringa no baralho*. In Shakespeare, W., *Otelo*. Trad., Introd. e Notas de Laurence Flores Pereira. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 1917, p. 110.

vida melhor. Pois então, se, para o teatro é possível tanto a passagem da fortuna à miséria, quanto a da miséria à ventura, na psicanálise – e lemos na desgraça aristotélica o que Freud chama de *miséria neurótica* –, a proposta freudiana é passar, em via única, dessa miséria à infelicidade comum.



## INSCRIÇÕES DA LETRA NA PELE

Maristela Costa Leivas

*No princípio era o Verbo...  
e o Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

(Evangelho de São João 1:14).

*O que importa entender aqui é que o corpo físico, em sua superfície e densidade suporta a inscrição-incisão erógena, do mesmo modo que a página de um livro sustenta e faz aparecer – em certo sentido, constitui – a letra que nela se inscreve.*

(S. Leclaire, 1986).

Desde a atividade clínica numa instituição hospitalar posso dizer que, até os dias atuais, vemos vigorar abordagens sustentadas por um pensamento dualista, pensamento este que deu origem à construção de uma divisão entre o psiquismo e o corpo. Tal concepção deriva da ideia platônica de uma oposição entre corpo e alma, separados por uma fronteira, constituindo-se assim, de um lado, as patologias do corpo e as patologias psíquicas, e, de outro, os especialistas da alma e os especialistas do corpo. Como consequência, observamos o prosseguimento da resistência à valorização do inconsciente e sua implicação nas manifestações do corpo. Convém lembrar que essa linha de demarcação entre corpo e psíquico – antes de Freud –, foi abolida somente pelos curandeiros.

Para a psicanálise, o corpo que importa é o erógeno, concebido no enlace entre o organismo e a linguagem. Para pensar como um corpo torna-se vivo, como o verbo se faz carne, como se pode compreender esse enlace entre organismo e linguagem, retomaremos alguns conceitos pertinentes ao tema.

### **O externo e o interno**

O conceito de psíquico está associado ao que é interno. E lembramos que, inicialmente, Freud apresentou esta ideia de um mundo interno e um mundo externo, caracterizando o psiquismo como um interior limitado por uma superfície, a pele, voltada para o exterior. Contudo, mais adiante em sua teorização, chegou a conceber de outro modo a divisão interior-exterior, quando admitiu que o aparelho psíquico tinha uma extensão no espaço, extensão que por sua vez era a projeção deste aparelho.

Lacan, por meio da topologia, valendo-se de artifícios imaginários, representou isto que nos escapa e que tem relação com o corpo e a dimensão sexual, sublinhando a difícil percepção do corpo, não como extensão ou imagem, mas como lugar parcial de gozo. Lacan sugere que pensemos nosso organismo como um tubo, considerando a possibilidade de passagem entre os espaços, entre o que está dentro e o que está fora. Utilizando a *Cinta de Möbius*, demonstrou que os espaços externo e interno não estão assim tão separados. Esta ilustração se completa com a adoção de uma figura de *Escher* utilizada na capa do Livro 10 de sua coleção *O Seminário, A Angústia*. Nesta figura, observamos formigas que partem de um ponto da cinta, percorrendo os espaços dentro-fora sem encontrar qualquer limite. Estas ilustrações serviram para a construção de outro modo de compreensão sobre o que se passa no organismo, concebido como superfície, como tela de inscrição, e a relação com a linguagem, com o Outro que produz marca, e torna esse corpo sexuado.

### **A pele**

Quando falamos na pele e seus furos, apontamos para além das bordas que definem as zonas erógenas: a boca, os olhos, as orelhas, o ânus, as dobrinhas do pescoço e outros tantos contornos; apontamos aos poros, que são os pequeníssimos orifícios que compõem a epiderme. A presença da porosidade poderá também nos ajudar a transformar essa ideia de fronteira compacta entre o psíquico e o físico. O reconhecimento desta fronteira como permeável, porosa, esburacada, nos ajudará a seguir quebrando com esse dualismo entre psíquico e físico. Poderemos então, tomar a pele e seus furos como *sensores-pantalhas*, e, nessa perspectiva, a pele, em sua função de revestimento do corpo, será tela de projeções de marcas que tornarão o corpo vivo, sexuado. A pele, dizemos, será assim nossa primeira vestimenta.

Sabemos que a pele é o mais extenso órgão sensorial do corpo, ela cobre interna e externamente o corpo, é o primeiro lugar de intercâmbio com os demais e, desde aí, repetimos, pode ser identificada como tela de projeções do psiquismo. Afirmamos que a singularidade do sujeito advém de marcas inscritas na pele, por um outro.

Na pele estão registrados os traços mais singulares, e é sobre ela, que colocamos as mais diversas roupagens. Ricardo Landeira assinala que falamos da pele como um tecido, mas falamos também de outros tecidos, roupas, véus, maquiagens, tatuagens, joias, que usamos imaginariamente como função de recobrimento, como função de máscara dos furos, dos buracos; e que ao recobri-los damos mostra de algo que nos representa, a qual comunidade pertencemos, em que tempo vivemos.

### **A erogenização do corpo**

Serge Leclair, referindo-se a ideia de Freud de que o corpo que importa para a psicanálise é o corpo inteiramente concebido como zona erógena, irá descrever a singularidade com que se inscrevem essas zonas.

*Os termos, marca, fixação, são necessariamente utilizados para descrever a instauração e, sobretudo a persistência quase indelével da erogeneidade em um ponto do corpo.*

Vemos como condição para a inscrição de uma marca a presença de um valor sexual projetado por Outro sobre o local de satisfação. O autor, oferecendo uma ilustração, solicita que imaginemos o toque carinhoso da mãe numa covinha no pescoço do bebê, seguida da imagem do rosto iluminado e alegre do mesmo. Diz ele: *No oco da covinha abre-se uma zona erógena, fixa-se um intervalo que nad apodera apagar...* Podemos dizer que um intervalo é fixado no lugar em que se produziu a diferença, que o dedo acariciador da mãe fez uma inscrição, porque esse local, apresentava já um valor libidinal para a mãe. Quer dizer, um corpo erogeneizado é um corpo marcado pela diferença sexual desde a relação com o Outro. E para que estes pontos sejam inscritos no corpo, será necessário que o olhar de um produza no outro *projeto de desejo*, que o valor sexual seja projetado por outro sobre o local de satisfação.

Se a inscrição da erogeneidade é dada pelo Outro e marcada em partes do corpo, daí a ideia de pensarmos o corpo como parcial, como fragmentado, necessitando o imaginário para fabricar uma imagem de unidade. Através desta ideia de unidade iremos conformando, construindo o eu, com roupagens e sinais particulares, e, desde aí, reunindo as partes de um determinado modo que o sujeito possa dizer *eu tenho um corpo*. Contudo, sempre restará algo fora, algo que escapará à imagem, por que as marcas não cobrem todo o corpo. Esta parte não incluída restará como parte dessexualizada e por isso não passará à simbolização, será um resto real do corpo.

O que denominamos como real do corpo, o que fica fora da simbolização, poderá encontrar expressão ou manifestação, muitas vezes, através de algum órgão adocido na neurose, outras vezes nas alucinações próprias à psicose ou mesmo nas atuações próprias a estruturas de borda, onde observamos a repetição de acidentes ou atos violentos que abrem lesões e prejuízos na integridade da pele. Tais expressões ou manifestações apontarão ao modo como se estruturou o psiquismo, como o sujeito respondeu aos registros do Outro.

### **A estrutura é o objeto *a***

Lacan, situando a noção de estrutura, diz que esta deve ser tomada no sentido do que é mais real, e para dizer deste *mais real*, nomeia seu reconhecido invento como *objeto a*, que identificamos como um *produto de natureza real*. No sistema de significantes o *a* se produz como algo excedente, estranho ao conjunto dos significantes, produção que aparece como um excesso e dá consistência ao conjunto de significantes. É um resíduo do corpo que aumenta a intensidade de tensão no aparelho psíquico. Resíduo que escapa a organização da ordem simbólica, onde todos os significantes são regidos pelas leis da lógica significante. A esse *a* chamamos gozo, resto encarnado nas zonas erógenas e

orificiais do corpo (boca, ânus, vagina, etc.). O gozo tem um lugar, o do furo. Contudo, mais que o furo, será propriamente a borda do furo que corresponderá ao *mais gozar*, imagem que corresponde exatamente, aos orifícios erógenos do corpo, *borda pulsional de um vazio aspirante*.

Repetimos, falamos de bordas, em torno de um furo, bordas que produzem movimentos de abertura e fechamento, caracterizando assim o movimento pulsional. O que resta como estrutura, desde a relação com o Outro, são traços velados pelo *objeto a*, substituindo o supostamente perdido e engendrando um sentido, tal sentido permitirá ao sujeito nomear-se num objeto, apresentar um discurso particular, construir uma fantasmática singular.

É esse *a* que algumas vezes identificamos como um excesso que se acumula, e que outras vezes poderá ser encontrado como perda, que finalmente aparecerá no discurso revestido de imagens semânticas relativas as zonas erógenas.

Já dissemos que o ingresso na pulsão equivale ao ingresso na linguagem, quer dizer, o ritmo pulsional é dado pela mãe que ao doar o ritmo doa também o campo da linguagem, campo derivado de uma alternância, lei de presença e ausência, incorporamos a linguagem via pulsão.

Ao retomarmos o que Freud descreve como *o jogo do carretel* de seu neto Ernest, filho de sua filha Sophie, encontraremos com a ilustração dessa equivalência entre o ingresso da pulsão e o campo da linguagem. Trata-se de um jogo estruturante, onde a criança realiza um exercício no atirar longe objetos, que podem ser chupetas, para dar como exemplo um objeto de seu interesse. *Atira longe de si objetos que ama*. E repete esse exercício incansáveis vezes, repetindo cada vez que joga longe, a expressão *fora* (*fort*, em alemão). Num outro tempo do jogo, mais adiante no tempo da estruturação, quando pode obter novamente o objeto, quando reaparece o objeto, o menino emite o som *da*, (*aqui*) significando o retorno do objeto. Destacamos aí que o reaparecimento do objeto toma sua importância desde a perda que o fez libidinizável. Assim, Freud nos leva a pensar que esse jogo, semelhante ao jogo de esconde-esconde, representa o ritmo das ausências e reaparecimentos da mãe, e que através desse jogo a criança exercita a entrada na lógica significante. Para que o jogo funcione, para que cumpra a função estruturante, primeiramente a mãe convoca o filho a ser objeto de seu gozo, e quando ela desiste do gozo, no momento que ela pode se afastar, aí faz nascer o objeto como perdido, é nesse momento que poderá ocorrer a entrada na lógica do significante, função inaugural do par significante, *fort-da*.

Os intervalos que definem movimentos de abertura e fechamento, serão marcas equivalentes a ausência e presença do objeto, definindo uma espécie de regulação dos apetites do corpo. Tais movimentos corporais, ao flexibilizar intervalos vazios e cheios, assemelham-se ao próprio funcionamento corporal. Podemos observar algo assim no ritmo de nossa respiração: temos num momento nosso pulmão cheio de ar, no outro, vazio; temos a sensação de satisfação quando comemos algo, depois de sentir um vazio caracterizado pela fome; nossos olhos se enchem de alegria ao ter a visão de uma imagem emocionante; nossos ouvidos se abrem para escutar coisas curiosas, ou se



fecham impedindo a entrada de más palavras, nosso corpo poderá ou não, obedecer aos intervalos, seguindo ritmos que não são nada naturais.

Falamos de um movimento pulsional, que escutado na clínica, poderá denunciar a identificação do sujeito ao objeto, apresentado num discurso de gramática própria, observado na análise como detenção, como fixidez, acompanhado de angústia, de sofrimento declarado no sintoma ou nas manifestações do corpo.

O sujeito, desorientado nos orifícios de seu corpo, perderá uma regulação natural, aí veremos expressar-se um modo de funcionamento inflexível, apresentado em distintas formas: por uma dificuldade respiratória, por um comer exageradamente, um comer com os olhos, ou, por deslocamento, numa boca agressiva, que só faz cagar insultos, ou ainda, por não suportar qualquer espaço vazio, falar sem parar, acumular tudo, limpar sem parar... Ou, ainda, essa identificação ao objeto se fazer representar num texto de gramática de voz passiva, num *fazer-se*: fazer-se explorar, fazer-se emudecer, fazer-se expulsar...

Entendemos que é justamente na relação do sujeito com esse movimento, no jogo entre abertura e fechamento dos intervalos pulsionais, demarcando, por um lado, a ideia de presença e, por outro, a ausência do objeto, onde veremos caracterizarem-se os recursos, as possibilidades do sujeito para manter-se no jogo, onde reconheceremos um funcionamento particular nos jogos próprios à vida. Isso porque a regulação construída desde uma disposição a alteridade selará uma flexibilidade nas escolhas. Quando está a consideração ao Outro, o sujeito poderá aguardar a sua vez, poderá tolerar o vazio. Contudo, quando se define a fixidez que ordena uma determinada exigência, o sujeito se apresentará na escravidão do gozo.

Para ilustrar está fixidez, ou detenção, num modo de funcionar paralisante, trago um fragmento da história de Laura, que tentava construir na, sua adolescência, um revestimento possível que a assegurasse seguir adiante.

Laura estava com quatorze anos de idade quando chegou à análise. Veio por iniciativa de sua mãe. Concordou em vir porque se sentia muito insegura para andar desacompanhada, dizia que precisava de sua mãe ou de uma amiga para tudo o que fazia, para afastar-se de casa ou quando estava na Escola. Associava suas dificuldades ao fato de ter sido uma menina gorda até seus doze anos de idade. E que agora, mesmo tendo emagrecido, continuava lembrando as críticas e comentários que a ridicularizavam. Desse período escolar lembra sua timidez, suas dificuldades para aproximar-se dos outros e para falar; tempo em que se mantinha calada a maior parte do tempo. Tinha apenas uma amiga, sofria muito quando esta se entretinha em alguma atividade com as demais e ela ficava sozinha. Laura dizia que desejava muito ter amigos, mas ficava tão intimidada com a aproximação que, quando isso acontecia, e alguém tocava em seu corpo, sua pele desenvolvia erupções naquela região. Imediatamente depois que a tocassem, a pele empolava – algo semelhante a brotoejas –, e só desapareciam depois de algum tempo. Aos quinze anos, apresentava-se como uma linda moça, sua mãe insistiu em organizar uma festa, Laura mostrava ambivalência, queria a festa, mas sofria por ter que escolher um par para dançar. Essa lhe parecia a parte mais difícil, e assim foi com

todas as festas, queria ir, mas sentia-se desacompanhada, não toleraria o afastamento da amiga com quem estaria na festa. Desejava aproximar-se dos rapazes, mas também os criticava por todas as razões. Sentia-se velha aos dezesseis anos, comparava-se as demais e criticava-se por que nunca tinha beijado ou namorado. Quando questionada por seu afastamento, Laura justificava não estar exatamente ao lado daquele que gostaria, ou por não estar suficientemente bem vestida, ou porque seu cabelo não estava perfeito naquele dia.

Quando são exploradas questões relativas a um certo ideal de mulher que imaginariamente Laura construía, apareceram as dificuldades de separação dessa imagem da mãe, de quem ela sentia dificuldades em afastar-se. A mãe, mulher decidida e comunicativa, ambiciosa e inquieta, buscadora de seus objetivos, aquela que não cedia em seus argumentos, que pensava a vida da família e procurava saídas para todas as dificuldades. *Eu e meu pai somos quietos, só escutamos, com ela não adianta argumentar.* Assim Laura caracterizava esse lugar como um impossível de se afastar, mas também um impossível de se aproximar. *Nada de abraços, de muito carinho ou aproximação, isso ela faz com meu irmão menor, mas preciso dela, preciso que me ajude a decidir as coisas.* À medida que se construía um intervalo nesta relação, Laura decidia também o curso universitário que pretendia, assegurava-se numa escolha muito valorizada pela mãe. De ingresso difícil, sua escolha requeria uma aprovação que não seria obtida facilmente. Enquanto se preparava para as provas, progressivamente deixava de ser essa uma escolha só da mãe, Laura queria muito cursar medicina. Neste tempo, os rapazes a cortejavam, mostrava-se sedutora: *estou vivendo com dezoito o que deveria ter vivido aos quinze, estou atrasada.* Agora, num novo momento, permitia a aproximação, eram vários os pretendentes que se aproximavam; já não produzia brotoejas, mas ainda seguia a questão, agora um pouco modificada: desejava um par, para isso teria que escolher um.

